



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E CIÊNCIAS HUMANAS - DLCH
CURSO DE LETRAS LIBRAS

CLEIDIANNE COSTA DA SILVA

**O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE
SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO A PARTIR DE NARRATIVAS
(AUTO) BIOGRÁFICAS**

CARAÚBAS - RN

2021

CLEIDIANNE COSTA DA SILVA

**O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE
SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO A PARTIR DE NARRATIVAS
(AUTO) BIOGRÁFICAS**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em LETRAS LIBRAS.

Orientadora: Ma. Isabelle Pinheiro
Fagundes.

CARAÚBAS – RN
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

C 837

Costa, CLEIDIANNE COSTA DA SILVA.
O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO
ENSINO/APRENDIZAGEM DE SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA:
UM ESTUDO A PARTIR DE NARRATIVAS
(AUTO)BIOGRÁFICAS. / CLEIDIANNE COSTA DA SILVA
Costa. - 2021.
63 f. : il.

Orientador: Isabelle Pinheiro Fagundes
Pinheiro.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Libras,
2021.

1. Matéria didática. 2. Narrativas
autobiográficas. 3. Ensino de Libras. I.
Pinheiro, Isabelle Pinheiro Fagundes, orient.
II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em
conformidade com AACR2 e os dados fornecidos
pelo autor(a). Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

CLEIDIANNE COSTA DA SILVA

**O PAPEL DO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE
SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO A PARTIR DE NARRATIVAS
(AUTO) BIOGRÁFICAS**

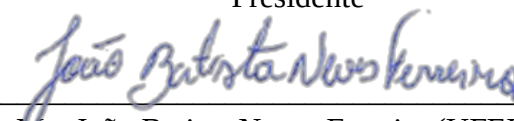
Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em LETRAS LIBRAS.

Defendida em: 12 / 11/ 2021.

BANCA EXAMINADORA



Ma. Isabelle Pinheiro Fagundes (UFERSA)
Presidente



Me. João Batista Neves Ferreira (UFERSA)
Membro Examinador



Ma. Mariane Linhares da Silva. (UFERSA)
Membro Examinador

“Pelos teus sábios conselhos...

Pela tua cumplicidade...

Por todo seu zelo e cuidado para comigo...

Muito mais que um irmão...

Amigo...

Companheiro de outrora...

Pai!”

Meu irmão Gilberto Barbosa da Costa (in memoriam).

*Homem íntegro, coração gigante, sorriso largo e contagiante, ser humano admirável,
com uma fé inabalável...*

*Á você que sempre ajudou, segurou minha mão encorajando-me a seguir e lutar pelos
meus sonhos, me abraçou e acolheu-me quando tive medo.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato singelo, onde possamos ver nos pequenos gestos, detalhes, situações da vida que nos deparamos e percebemos que não estamos e nem conseguimos viver sozinhos neste mundo, precisamos sempre uns dos outros para nos apoiar, ajudar, incentivar e orientar para que possamos seguir vivendo e obter nossos sonhos e metas de vida. Este momento é tão emocionante, afetuoso e de suma importância que espero não ter sido injusta com ninguém, apenas grata a todos aqueles que até aqui estenderam sua mão e me ajudaram a trilhar esse meu sonho.

Inicio agradecendo ao meu bom e amado Deus, pelo dom da minha vida, os milagres infinitos e diários que ele me proporciona, por estar comigo, me capacitando a ser melhor a cada dia, mostrando que sou filha amada, enxugando minhas lágrimas, consolando e acalmando o meu coração, me guiando por todos os caminhos e na realização dos propósitos que o mesmo tem em minha vida. Obrigado meu Pai!

Aos meus pais por todo o amor, carinho, proteção, os seus sábios conselhos e todos os ensinamentos para comigo, o que sou hoje devo a vocês, meus exemplos de vida e de superação, meu muito obrigado amo vocês infinitamente.

Ao meu anjo, que Deus me concedeu chamá-la de filha, Pâmella, que com seu jeito especial de ser e através de seu puro e verdadeiro amor se torna o meu combustível diário para que eu possa buscar e realizar meus sonhos, e que eu possa ser exemplo para ti minha pequena, te amo minha vida, obrigado Deus pelo dom de ser mãe.

Aos colaboradores da pesquisa pela paciência, disponibilidade e confiança depositados no meu trabalho, obrigado pela riquíssima contribuição de cada um.

À minha querida orientadora Isabelle Pinheiro Fagundes, por todos os seus ensinamentos, orientações, paciência comigo, pelos seus incentivos e encorajando a seguir em busca de meus sonhos ao qual levarei por toda minha vida, deixo registrado minha singela gratidão.

Ao meu companheiro de todos os dias e de lutas meu esposo Brendo, obrigado por toda paciência, incentivo, por sempre acreditar em meu potencial, pelo seu amor, cuidado e zelo comigo, obrigado por fazer parte de minha trajetória e estar sempre ao meu lado, te amo.

À minha irmã Maria do Socorro, por estar ao meu lado em todos os momentos de minha vida, por cada palavra de incentivo, apoio, pelo seu companheirismo de irmã, amiga e comadre, te amo e sou grata a Deus por tê-la em minha vida.

À minha doce e amada sobrinha Marcela por cada conselho, incentivo, pelo apoio, por cada contribuição para realização do meu sonho, por me escutar e orientar sempre que recorria a ti, obrigado minha linda te amo infinitamente.

Aos anjos que Deus e a UFERSA me apresentaram, Elisberta, Erivania e Erivaneide amigas de lutas, trajetórias incansáveis da graduação até a realização do nosso sonho, pessoas queridas que levarei por toda minha vida.

A todos os companheiros de turma por toda colaboração e troca de saberes mútuos.

À toda comunidade surda pelo acolhimento, apoio e por todos os ensinamentos para comigo meu muito obrigada.

A todos os docentes da UFERSA, os quais tive o privilégio de conviver dentro da sala de aula, meu muito obrigada por fazer parte e contribuir com seus riquíssimos ensinamentos para a realização desse meu sonho.

Ao Me. João Batista Neves Ferreira, por aceitar o convite, em integrar a banca examinadora de defesa deste trabalho de conclusão de curso e por trazer pertinentes contribuições e sugestões.

À Ma. Mariane Linhares da Silva, por ter aceito o convite em fazer parte da banca examinadora de defesa desta dissertação e trazer sua significativa contribuição e sugestões para o trabalho.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu governo democratizou o acesso ao ensino superior, oportunizando uma filha de agricultores a estudar em uma Instituição Federal de qualidade e grande renome, estando aqui hoje defendendo o trabalho de conclusão de curso.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste sonho.

Minha sincera gratidão a todos!

RESUMO

A presente pesquisa evidencia a importância de se utilizar recursos didáticos sendo eles adaptados para Língua Brasileira de Sinais (Libras), beneficiando assim alunos surdos que se encontram na escola regular de ensino. Objetivo geral é analisar a importância do uso do material didático no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos em uma escola pública na cidade de campo grande - RN a partir das narrativas autobiográficas, tendo como três objetivos específicos que são: investigar quais materiais didáticos são utilizados no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos em uma escola pública na Cidade de Campo Grande – RN (RN); evidenciar a partir das narrativas autobiográficas elementos relevantes para pensar sobre o uso de material didático voltado para a educação de surdos; refletir a partir das narrativas autobiográficas o papel do material didático no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos. Qual a importância do uso de material didático para ensino aprendizagem de alunos surdos? Essa questão conduzirá nossa pesquisa, numa tentativa de contribuir para a educação de surdos. O *corpus* da pesquisa será constituído por transcrições resultantes das entrevistas narrativas foram realizadas com três colaboradores, sendo dois professores da rede pública de ensino na cidade de Campo Grande e um aluno surdo regularmente matriculado na escola regular de ensino da cidade de campo grande. As fontes foram recolhidas durante o ano de 2021, através da realização de entrevistas narrativas sugeridas por Jovchelovitch e Bauer (2002) sendo realizadas algumas adaptações para melhor atender as especificidades linguísticas dos nossos colaboradores. As narrativas (auto)biográficas permitiu que o professor de Libras, tanto como o professor física primeiramente refletissem e narrassem ao mesmo tempo sobre suas experiências vivenciadas diante aluno surdo dentro de sala aula, como ocorre o processo de ensino/aprendizado deste aluno, tal como o aluno surdo pode refletir sobre seu processo de ensino/aprendizado obtidos dentro da sala aula, sua interação entre professores e colegas de classe, se realmente ocorre a inclusão do referido dentro de sala, como também sobre a utilização de materiais adaptados para melhor compreensão do próprio diante dos conteúdos ministrados pelas práticas pedagógicas dos professores. As análises das narrativas nos revelam sobre o quão é primordial o uso de materiais adaptados para a Língua de Sinais (Libras) para melhor compreensão e absorção dos conteúdos pelo aluno surdo, como também a comunicação por meio da Libras para que haja o engajamento e interação do aluno surdo com os professores e demais colegas de classe. A escola como sendo de ensino regular não dispõe de tais recursos, deixando a desejar no quesito educação e inclusão. Os desejos tanto dos professores como do aluno é que os recursos didáticos adaptados possam ser fornecidos pela referida instituição de ensino, para que o ensino/aprendizado e inclusão possa de fato acontecer. Por fim, os nossos colaboradores acreditam que a Libras possa ser legalmente ofertada como disciplina obrigatória nas escolas, para que assim ocorra a devida comunicação entre ambos indivíduos surdos e ouvintes tanto nas escolas como perante sociedade.

Palavras chave: Material didático. Narrativas autobiográficas. Ensino Libras.

ABSTRACT

This work shows the importance of using the teaching resources adapted to Brazilian Sign Language (Libras), so that the whole deaf student benefits who are in regular school. The general aim is to analyze the importance of using didactic material in the learning process of deaf students in a public school in the city of campo grande RN from autobiographical narratives. Moreover, this work has three specific aims: the first aim is to investigate which didactic materials are used in the learning process of deaf students in a public school in the city of Campo Grande (RN); the second aim is evidence from the autobiographical narratives relevant elements to think about the use of didactic material aimed at deaf education; the third aim is a reflection based on autobiographical narratives about the role of didactic material in the learning process of deaf students. What is the importance of using didactic material for the learning/education process to deaf students? This question drives our research in an attempt to contribute to deaf students education. The *corpus* of the research will consist of transcripts resulting from the narrative interviews, the interviews were made with three people: two teachers from the public school in the city of Campo Grande and a deaf student enrolled in the regular teaching school in the city of Campo Grande. In addition, the source of research was collected in 2021 through narrative interviews suggested by Jovchelovitch and Bauer (2002), some adaptation was made to better meet the needs of the linguistic specificities of our collaborators. The (auto) biographical narratives allowed the Libras and the physics teacher to reflect and narrate at the same time about their experiences with deaf students in the classroom and how the teaching/learning process of the deaf student occurs. Also, the deaf student can reflect on their teaching/learning process obtained in the classroom, their interaction between teachers and classmates, and they can make a reflection about inclusion and think if happens with them, as well as the use of adapted materials, all this reflection can be contributed for the deaf student has a better compression about the content taught by teachers. The school of regular education does not have such resources; therefore, the school does not fulfill the role of education and inclusion. The desires of both teachers and students are that adapted teaching materials can be provided by the school to deaf students; so that teaching/learning and inclusion can exist. Finally, our employees believe that Libras can be legally offered as a compulsory subject in schools, thus encouraging communication between deaf and hearing people in schools and society.

Keywords: Didactic material. Autobiographical narratives. Libras teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Love ASL Borboleta de NANCY ROURKE	13
Figura 2	– Árvore da Libertação de NANCY ROURKE	18
Figura 3	– Política de surdos: Posição pela justiça de NANCY ROURKE	25
Figura 4	– Identity Gone de NANCY ROURKE	30
Figura 5	– Prisão Solitária para Surdos de NANCY ROURKE	43
Figura 6	– Unidade do Mundo Surdo de NANCY ROURKE	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Fases principais da entrevista narrativa	35
Quadro 2	–	Apresentação dos colaboradores	38
Quadro 3	–	Procedimentos de Análises	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Me	Mestre
RN	Rio Grande do Norte
BDTD	Biblioteca Digital Teses e Dissertações
Libras	Língua Brasileira de Sinais
L1	Língua de Sinais
L2	Língua Portuguesa
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Base
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
GEPNAE	Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto) Biográficas em Educação
GRIFARS	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A MULTIMODALIDADE ALIADO AO ENSINO/APRENDIZAGEM.....	17
3.MATERIAL DIDÁTICO E O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO.....	24
4. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	28
4.1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.....	30
4.2 O MÉTODO (AUTO) BIOGRÁFICO.....	32
4.3 PROCEDIMENTOS PARA ENTREVISTA NARRATIVA.....	33
4.4 COLABORADORES DA PESQUISA.....	36
4.5 ÉTICA DA PESQUISA.....	38
4.6 LOCUS DA PESQUISA.....	39
4.7 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISES DOS DADOS.....	40
5. O MATERIAL DIDÁTICO E SUA IMPORTÂNCIA PARA APRENDIZAGEM DO SURDO	42
5.1 MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES PARA O ENSINO DO ALUNO SURDO.....	45
5.2 A ESCOLA E OS MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ALUNO SURDO.....	47
5.3 A IMPORTÂNCIA DO MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNO SURDO.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
7. REFERÊNCIAS.....	55
ANEXOS.....	58

1. INTRODUÇÃO

Figura 1: Love ASL Borboleta



Fonte: ROURKE, Nancy (2017)

Entre imagens, quadros, figuras que expomos ao iniciar cada capítulo desta pesquisa, as cores vibrantes, mãos e olhos sempre prevalecem, transmitindo, pois, as lutas da comunidade surda, seu empoderamento social, simbolizando a libertação ao se

expressar, comunicar através da língua de sinais. Portanto, cada seção será aberta e abrilhantada com cores e manifestações por parte dos sujeitos surdos, tendo em vista que as obras escolhidas foram pintadas por uma artista surda.

Na introdução trazemos essa linda borboleta, na qual percebe-se que no centro dela tem uma escada, onde no topo encontra-se um indivíduo surdo jogando tintas nas cores, azul, amarelo e vermelho, colorindo assim a borboleta e suas asas, que estão abertas simbolizando suas conquistas até almejar a liberdade de expressão e comunicação através de suas mãos e olhos perseverando diante das batalhas toda comunidade surda.

A reflexão e discussão acerca da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no processo educacional, tem possibilitado vários olhares para esses debates e com isso, vem ganhando espaço não só no campo teórico de ensino, mas também, nas práticas pedagógicas dos professores em seus vários níveis de ensino. É relevante destacar que essa reflexão, discussão e práxis visam o cumprimento do direito à educação que todos os sujeitos, aqui no Brasil, independentemente de sua condição física, cognitiva, social, racial entre outras condições têm perante à Constituição de 1988.

Assim, as políticas educacionais de inclusão são instrumentos relevantes, visto que tem como objetivo oportunizar a educação para todos. No contexto educacional brasileiro existem diversos dispositivos legais que asseguram não só o acesso, mas também a permanência, participação e aprendizagem, como pode-se conferir na Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015, na qual em seu Capítulo IV, incisos I e II discorre sobre o sistema educacional que o mesmo deve ser inclusivo em todos os níveis e modalidades por toda a vida, como também aprimoração dos sistemas educacionais, garantindo condições, acessos, permanência, a participação e aprendizagem através de ofertas de serviços e de recursos de acessibilidade promovendo a inclusão plena de tais indivíduos para que assim rompam-se as barreiras de comunicação e ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a Lei supracitada determina a igualdade de condições em âmbito escolar e atendimento gratuito especializado no ensino regular. Porém ressalta-se que na presente pesquisa dará ênfase a leis e discussões voltadas para educação de surdos, uma vez que, essa temática oferece uma gama de reflexões e debates pertinentes.

Dessarte, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a importância do uso do material didático no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos em uma escola pública na Cidade de Campo Grande (RN) a partir das narrativas autobiográfica, por entendermos que apenas o uso da Libras não garante um processo de ensino aprendizagem significativo; e para alcançarmos nosso objetivo geral depreendemos de três objetivos

específicos que são: investigar quais materiais didáticos são utilizados no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos em uma escola pública na Cidade de Campo Grande (RN); evidenciar a partir das narrativas autobiográficas elementos relevantes para pensar sobre o uso de material didático voltado para a educação de surdos e refletir a partir das narrativas autobiográficas o papel do material didático no processo de ensino aprendizagem de alunos surdos.

Esclarece que a escolha da pesquisa ao refletir sobre a série de fatores limitantes que existem quando se trata de incluir educando surdos em sala de aula de ensino regular junto a educandos ouvintes. Como nos mostra Lunardi (2001, p. 3), “na educação de surdos, os processos de inclusão referem-se em grande parte, única e exclusivamente, à experiência de alunos surdos dividindo a mesma sala de aula com aqueles chamados normais”.

Reitera-se que pesquisas na área Libras são relativamente recentes, pois até o ano de 2002, os surdos brasileiros não tinham uma língua que contemplasse suas especificidades biológicas. A língua portuguesa é majoritária no Brasil e deve ser ensinada aos surdos mesmo com a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, no entanto deve ser ensinada como segunda língua (L2) e na sua modalidade escrita.

Esses entendimentos concernentes aos sujeitos surdos sobre a necessidade de uma língua visual e do ensino de uma língua oral como L2 na sua modalidade escrita são fruto dessas pesquisas recentes. Além destes, há outros tão relevantes quanto, tais como: questões culturais, identitárias, metodologias de ensino, materiais específicos para ensino, tema a ser discutido neste trabalho, entre tantos outros são objetos de estudos que estão se fortalecendo e ganhando espaço na pesquisa.

Percebe-se com isso então, que pesquisas sobre surdos e/ou surdez se apresenta como um campo fértil a ser cultivado e explorado. O nosso trabalho justifica-se a relevância desta pesquisa primeiro por perceber na prática, no dia a dia, a escassez de material didático voltado para os surdos e por ter feito um pequeno levantamento sobre o uso de material didático no ensino para surdo, observar-se na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Com o descritor “material didático para surdos” encontrou-se 68 textos entre dissertações e teses, foi lido todos os resumos e nos breves resultados apresentados nos resumos, interessante perceber que em todos os casos o uso de material era proveitoso.

Duas coisas chamaram atenção nesse achado. A primeira, se o uso do material didático é proveitoso porque é tão escasso? A segunda, porque o número de pesquisa

ainda é tão tímido nessa área (pelo menos na plataforma pesquisada)? Deixa-se claro que o objetivo com essas indagações não é respondê-las, mas refletir sobre elas e tentar contribuir de alguma maneira nesse campo epistemológico.

É relevante destacar que a Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras), é a língua natural do sujeito surdo no Brasil, e esta língua enquanto direito, está assegurada pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Porém, apesar da legitimidade da língua, as escolas ainda encontram limitações na inserção efetiva do discente surdo, desde o uso da língua, quanto ao uso de materiais didáticos que contemplem sua cultura visual, pode-se perceber com decorrer da graduação, através de estudos e até mesmo em observações de alguns estágios, a limitação que é trabalhar com aluno surdo dentro da sala de aula juntamente com alunos ouvintes, percebe-se também que na maioria dos casos os professores não estão aptos sequer tem um estudo (formação na área Libras ou domínio da língua) ou uma preparação para ensinar o aluno surdo, se torna um tanto quanto complexo e dificultoso esse processo de ensino-aprendizagem, muitas vezes a escola não está preparada, nem ao menos tem recursos e materiais didáticos disponíveis para preparar, formar e motivar esse surdo a seguir uma formação profissional, foi partindo dessa problematização que propõe-se a realizar tal pesquisa de campo onde investiga quais os materiais que os professores utilizam para ensinar o aluno surdo? Quais as dificuldades que são encontradas por ambas as partes professor e aluno? partindo do pressuposto que são dois professores ouvintes e um aluno surdo. E se realmente são significativas as contribuições trazidas pelo material didático para o ensino e aprendizagem do sujeito surdo.

Diferentemente do ouvinte que apreende o mundo ao seu redor a partir do que ver e ouvir, o surdo compreende o mundo em seu entorno a partir do que ver, logo a falta de acessibilidade visual é tão limitante quanto a falta de acessibilidade linguística. Dessa maneira, o uso de materiais didáticos adaptados é muito importante no processo de ensino para a pessoa com surdez, pois auxiliam o aluno surdo em seu processo de ensino aprendizagem. Para fundamentar essa afirmação utilizaremos nesta pesquisa autores como Bizello et al (2020), Bandeira (2009), Rangel (2006) e Quadros (2011) para discorrer sobre a importância do uso dos materiais didáticos e suas especificidades diante do ensino e aprendizagem do aluno.

A partir do exposto acima uma das curiosidades epistêmicas, qual a importância do uso de material didático para ensino aprendizagem de alunos surdos? Essa questão conduzirá esta pesquisa, numa tentativa de contribuir para a educação de surdos. O *corpus*

da pesquisa será constituído por transcrições resultantes das entrevistas narrativas realizadas com três colaboradores, sendo dois (02) professores da rede pública de ensino e um (01) aluno surdo regularmente matriculado na rede pública de ensino da cidade de Campo Grande.

A perspectiva adotada para esta pesquisa é a qualitativa em educação fundamentada em estudos de Lüdke e André (1986); com uma abordagem metodológica em narrativas autobiográfica apoiada epistemologicamente em Passeggi (2010, 2011), Pineau (2010) e Franco Ferrarotti (2010, 2014); tendo como procedimento metodológico as entrevistas narrativas e análises guiadas pelos princípios de Jovchelovich e Bauer (2002)

Além da introdução, o trabalho está organizado da seguinte maneira: A multimodalidade aliado ao ensino-aprendizagem, material didático e o seu papel na educação, percurso metodológico da pesquisa, pesquisa qualitativa em educação, O método (auto)biográfico, procedimentos para entrevista narrativa, colaboradores da pesquisa, ética da pesquisa, Lócus da pesquisa, Procedimentos para análises dos dados, divididos em subtópicos: O material didático e sua importância para aprendizagem do surdo, Materiais didáticos utilizados pelos professores para o ensino do aluno surdo, A escola e os materiais didáticos para aluno surdo, A importância do material didático para aluno surdo, Considerações finais, Referenciais e por último os Anexos.

O próximo tópico discorre sobre a multimodalidade e suas contribuições no ensino/aprendizagem dos alunos em sala de aula.

2. A MULTIMODALIDADE ALIADO AO ENSINO DE APRENDIZAGEM

Figura 2: Árvore da Libertação



Fonte: ROURKE, Nancy (2011)

O capítulo se inicia com mais uma vibrante pintura artística da autora surda Nancy Rourke, com o tema árvore da libertação, imagem esta que simboliza as lutas da comunidade surda pela inclusão, comunicação e expressão através da língua de sinais,

ilustração marcante, na qual expressa o crescimento da comunidade surda e a língua de sinais, após anos de tamanhas discriminações, encontram-se marcadas como as cicatrizes no tronco da árvore, cicatrizes essas que o tempo não consegue apagar, porém perante tantas lutas e conquistas a árvore foi crescendo e fortalecendo, já as mãos simbolizam a superação, conquista e reconhecimento da língua de sinais e da comunidade surda.

Podemos fazer uma analogia da multimodalidade com uma semente que ao ser plantada no processo de ensino em sala de aula, e regada pode produzir a inovação e a busca de melhor compreensão, interação por parte dos alunos, o qual pode aprimorar, colher bons frutos com cotidiano, assim como ocorre no processo de germinação das árvores.

É natural que com o decorrer dos tempos a sociedade em seus vários aspectos vá evoluindo como é o caso da educação, socialização e comunicação, que segundo Prediger e Kersch (2013, p. 211):

Parece que a velha configuração do papel branco, com letreiro padrão e linearmente organizado, ao lado de (talvez) uma imagem ilustrativa em preto e branco, tem perdido espaço para novos formatos, cores, texturas, movimentos e organização do espaço que, definitivamente, fazem parte do atual processo de expressão e compreensão de textos (PREDIGER e KERSCH, 2013).

Tamanha evolução vai transportando juntamente com os saberes, o papel branco, seus letreiros às imagens meramente ilustrativas preto e branco acabam perdendo visibilidade, e as cores, texturas, formatos e movimentos vão se destacando se tornando eleitos dentro de sala perante alunos e apresentam professores, juntamente com auxílio de recursos como (Lendl e Sousa, 2019) explicam a que:

Nesse sentido, uma das características mais significativas da linguagem é sua capacidade de transmitir uma mensagem por meio de diferentes formas de expressão linguística, sempre considerando o contexto de uso para que não haja perda quanto ao entendimento do leitor. Diante disto, o avanço do tempo possibilitou a inserção de diferentes recursos para a produção de sentidos e, ademais, potencializar o efeito que se pretende causar naqueles a quem a mensagem possivelmente vier a alcançar. A este emaranhado de recursos semióticos responsáveis por dar novos sentidos ao texto, numa mescla de métodos organizados para que juntos dialoguem ao formarem o todo comunicativo, deu-se o nome de multimodalidade. (LENDL; SOUZA, 2019, p.311)

Como se pode observar com a colocação dos autores, a multimodalidade se dá por meio da semiose, em que os significados e sentidos são distintos, podendo ser utilizado de diferentes métodos e proporções com o intuito de dialogar seja por meio de

textos, ilustração de imagens expressivas, indo até a utilização de recursos tecnológicos que possam prender e chamar atenção dos alunos para os conteúdos.

Ainda citam que: “a multimodalidade, quando adentrada na sala de aula e aplicada na produção de textos cuja tessitura considere aspectos múltiplos da linguagem, influencia no interesse dos alunos, pois foge da maneira padrão de escrita (LENDL; SOUZA, 2019, p. 321). Eles ainda explicitam que, não é só importante para o ensino e aprendizagem dos alunos, como também gostam de tais inovações nas aulas, pois acaba fugindo da mesmice e do enfadonho padrão de leitura e escrita do cotidiano. (LENDL; SOUZA, 2019 *apud* VIEIRA; SILVEIRA p.330 - 331) discorrem que:

“[...] a composição textual multimodal tem alimentado as práticas sociais, cuja riqueza de modos de representação utilizados incluem desde imagens, até cores, movimentos, som e escrita, haja vista a existência frequente de eventos híbridos de letramentos, constituídos por composição com linguagem verbal, com linguagem visual e com linguagem corporal, marcas preponderantes do discurso contemporâneo” (VIEIRA; SILVEIRA, 2015, p.43)

Tendo em vista tal colocação, trazendo, incluindo e refletindo sobre textos multimodais voltados para a educação de surdos é de grande relevância, pois como se sabe o sujeito surdo compreende o mundo através de sua visão, e estando inserido em escolas de ensino regular acabam não conseguindo acompanhar junto aos seus colegas ouvintes os conteúdos ministrados nas aulas, porém quando se utiliza recursos voltados para o imagético, os surdos têm mais facilidade de compreender melhor o que se passa dentro de sala, como Almeida (2015, p.33):

O que se tem visto nas escolas regulares em que os surdos estão inseridos é que as metodologias utilizadas são voltadas para atender às especificidades dos ouvintes. Ainda não se discute sobre a pedagogia surda, e o reflexo disto é a realidade de surdos que estudam Português da mesma forma que os ouvintes, sem que haja professores preparados para a condução de um trabalho que propicie a ampliação da competência linguística dos surdos.

Diferentemente de quando estão inseridos em escolas bilíngues de surdos, garantindo, assim, a educação bilíngue que adota a Língua Brasileira de Sinais como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2) onde priorizam a sua língua natural a de sinais para comunicar-se e expressar-se sendo sua L1, e a língua portuguesa utilizada como método para desenvolver a escrita desses alunos surdos e sua segunda língua L2.

A autora Quadros (2015, p. 197) complementa: “nesse sentido, a educação de surdos, em uma perspectiva bilíngue, deve ter um currículo organizado em uma

perspectiva viso espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua do surdo, a língua de sinais brasileira.”

Dando as suas contribuições e posicionamentos sobre o ensino dos surdos as autoras: Karnopp e Pereira (2012, p. 38) observam que “não consiste meramente em lhe suprir conjuntos de técnicas e procedimentos, mas, sobretudo, em investigar as especificidades do ensino de leitura e escrita do surdo, tendo como foco uma situação bilíngue” (KARNOPP E PEREIRA, 2012, p.38). E quando se fala em ensino bilíngue para surdo os autores Quadros e Schmidt (2006) relatam que:

No caso do aluno surdo, a educação bilíngue vai apresentar diferentes contextos dependendo das ações de cada município e de cada estado brasileiro [...] Independentemente do contexto de cada estado, a educação bilíngue depende da presença de professores bilíngues. Assim, pensar em ensinar uma segunda língua, pressupõe a existência de uma primeira língua. O professor que assumir esta tarefa estará imbuído da necessidade de aprender a língua brasileira de sinais. (QUADROS E SCHMIDT, 2006, p.19)

O professor deve ter um certo preparo, domínio e formação com a Língua de sinais para ensinar uma segunda língua para tais alunos em sala de aula, pois como visto através dos relatos dos autores a educação e ensino de educandos surdos fica sob direção do município ou de cada estado brasileiro.

Dessa forma, a Libras por ser uma língua viso espacial, contempla várias combinações de diferentes modos semióticos, a mesma utiliza-se e expressa-se através de gestos, sinais, classificadores, como também expressões faciais e corporais, interessante perceber então, que a língua de sinais se enquadra como sendo multimodal, pois busca expressar e comunicar-se utilizando de distintas linguagens e expressões através do corpo.

Nessa perspectiva (LENDL; SOUZA, 2019), apontam atividades que envolvam e enquadrem a multimodalidade como sendo foco de seu trabalho, “o incentivo à criação de cartazes, propagandas, vídeos, entre outros trabalhos, que estimula o aluno a buscar formas de acoplar modos diversos de utilização da linguagem de maneira a juntos produzirem efeitos de sentido” (LENDL; SOUZA, 2019, p.354). Nota-se que os recursos multimodais são importantes e acaba favorecendo para que os alunos criem diferentes tipos de materiais onde possam expressar a linguagem através de tais recursos.

Como pode-se perceber os anos passam e coisas novas vão surgindo e dando mais sentido e estímulos tanto para os professores, como para os alunos na área da educação. Diante disso, Kress (2010) e Rojo (2020) amparam a diversidade e a multiplicidade, considera que a demanda por multiletramentos deriva do recente fenômeno da multimodalidade dos textos contemporâneos, que exigem habilidades

específicas e distintas para produzir e compreender significativamente cada um dos modos que compõem um texto” (ROJO, 2020, p. 352). Rojo ainda faz a distinção de letramentos (múltiplos) para com multiletramentos na qual ela afirma:

“Diferentemente do conceito de letramento (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramento é bom enfatizar apontar para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2020, p. 359).

O conceito de multiletramento apresentado pela autora quer mostrar que vai muito mais além das práticas de ensino e aprendizagem, abrange e engloba como um todo a população, as culturas, as vivências, os interesses peculiares, o local onde o sujeito está inserido tudo isso retrata-se diante dos meios de informação, comunicação havendo essa troca de experiências e vivências.

Contudo, como sendo motivo de estranhamento por ser algo novo, muitos professores têm receio de fazer essa troca de saberes dentro da sala de aula com seus alunos, sejam por meio de textos, animações, animes, vídeos dentre vários outros, pois contém múltiplas informações ou variadas ilustrações, onde os mesmos acabam ficando apreensivos por não dominar o conteúdo, pelo fato não estar inserido em seu convívio, e pela tamanha informação, como sendo tema muito contemporâneo, ocorre um certo estranhamento e dificuldade ao repassar e trabalhar em suas aulas tais conhecimentos com seus discentes.

Muitas vezes pela carência dos estudos voltados para essa área, ou por não ter tido um aprofundamento desses estudos na própria graduação e/ou por ter domínio em textos multimodais, esses professores podem acabar ficando engessados no que concerne ao ensino de textos, conseqüentemente, as metodologias e estratégias de ensino desses docentes pode tornar-se algo mais fechado, sem tanta abertura para que os alunos possam trocar experiências com seus colegas e até mesmo com o professor, desfrutar e se aprimorar em uma leitura mais dinâmica, interativa e prazerosa, conhecer, ver, compreender e estudar. Dessa forma, as aulas poderão tornar-se um tanto quanto enfadonhas, monótonas e cansativas.

Rojo (2020) ainda relata que os letramentos acabam se tornando multiletramentos pois, é importante explorar e fazer uso de novas ferramentas que

auxiliam no ensino e aprendizagem dos alunos, buscando ir mais além da escrita manual, onde autora relata sobre o papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa e as empresas, sejam elas tipografadas ou impressas, de áudios, vídeos, tratamento de imagens, edição e diagramação. A autora relata que são requeridas novas práticas onde as cita: “a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; b) de análise crítica como receptor” (ROJO, 2020, p 493,).

Tudo isso ocorre diante da evolução dos estudo e do uso das tecnologias, em que tem uma gama de recursos que facilitam tanto o ensino e aprendizagem, como a interação e socialização dos indivíduos. Rojo (2013) nos mostra que esses “novos escritos” obviamente dão lugar a novos gêneros discursivos, quase diariamente: chats, páginas, tweets, posts, enizes, epulps, fanclipe etc. E isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de “leitura-escrita”, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar. (ROJO 2013, p. 20).

Outros autores compartilham dos pensamentos da autora Rojo, tais como Kress (1998), Gomes (2011) e Coscarelli (2012), no qual segundo Gomes (2011), “tudo isso num visual diferente, que ultrapassa os limites do que chamamos de redação e entra no campo do design, da programação visual” (GOMES 2011, p. 13). Nessa perspectiva, Coscarelli (2012, p. 149) parece ter esse mesmo ponto de vista:

Com esses novos textos escritos, é preciso repensar o sentido da palavra ‘texto’, não como um novo conceito, mas como uma ampliação desse conceito para outras instâncias comunicativas, trazendo para ela uma concepção um pouco diferente daquela que tínhamos em mente e nas teorias da linguística. É preciso entrar na semiótica e aceitar a música, o movimento e a imagem como parte dele. (COSCARELLI 2012, p.149)

As tecnologias vêm avançando cada vez mais, e isso não se difere na esfera da comunicação e interação, a área da educação tem muito a ganhar e valer-se de estratégias e recursos que estejam voltados para a tecnologia, nos dias atuais todos indivíduos usufruem direta ou indiretamente do uso dos avanços tecnológicos, segundo Prediger e Kersch (2013, p.212):

Compor textos multimodais pode parecer difícil e raro para indivíduos que nasceram na cultura impressa, em que predominavam os textos verbais escritos, com poucas interações com outras linguagens, mas torna-se uma tarefa totalmente natural, sem complicações para nativos digitais. Os alunos já fazem um uso de estratégias de composição do texto multimodal muito antes de entrar na escola, pois a multimodalidade está presente nos textos impressos

ou virtuais do dia a dia, como em reportagens, notícias, filmes, histórias, novelas, com os quais a criança tem contato”. (PREDIGER e KERSCH, 2013).

Como os autores mencionam o uso de textos multimodais, que envolvam mais estratégias e utilização de tecnologias, para alguns indivíduos que não estão aptos a lidar com tais recursos é um tanto quanto difícil e principalmente para docentes que têm o hábito de trabalhar em sala de aula apenas materiais como textos impressos, os quais não se tem uma interação e relação com demais recursos, se tornando um tanto quanto ultrapassado o uso de tais metodologias.

Os alunos como bem colocam os autores têm o hábito e o convívio com diversas multimodalidades que estão inseridos em seu meio social, os professores têm que estar dispostos e abertos a novos horizontes, aprendizagens e conhecimentos, passando a estudar mais sobre o assunto em questão e se atualizar no quesito dos recursos tecnológicos e suas multifaces, para que assim as aulas possam ocorrer mais fluentemente, oportunizando uma melhora significativa quanto ao aprendizado dos alunos.

Contudo, além desses aprimoramentos, os professores têm que se aterem quanto aos costumes e os gostos peculiares de seus educandos, no sentido de procurarem conhecer mais sobre as vivências de seu alunado, os locais no qual estão inseridos, os costumes e o que prende mais a atenção, procurando trazer em suas aulas, a fim de que seus educandos se interessem, dediquem-se às aulas, as atividades e as discussões inerentes às aulas, tais aprimoramentos cabem ser utilizados e investigados tanto para os alunos ouvintes, como também para os alunos surdos para que haja a inclusão e engajamento de ambos em sala de aula.

O próximo tópico abordará sobre o material didático e sua contribuição para o ensino e aprendizagem dos alunos em sala de aula.

3. MATERIAL DIDÁTICO E O SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO

Figura 3: Política de surdos: Posição pela justiça



Fonte: ROURKE, Nancy (2015)

O capítulo inicia com mais uma belíssima imagem da autora Nancy Rourke (2015), explanando as mãos dos surdos, com os sinais de levante, indo em busca de seus direitos perante sociedade, a escolha de tal imagem remete os alunos surdos buscando por uma educação igualitária, ao qual os mesmos possam exercer o papel de aluno dentro de

sala, passando a compreender os conteúdos ministrados pelos professores, através de estratégias e materiais de ensino elaborados e planejados, para lecionar com os mesmos perante sala de aula.

Com o estímulo, quando se fala em material didático, logo nos vem à cabeça livros os quais os professores costumam utilizar em sala de aula, porém com os avanços e com os novos usos de metodologias tecnológicas, os materiais didáticos ganham uma nova roupagem e se reformulam mediante novos incentivos e utilização de estratégias de aprendizagem.

Dessa forma, o material didático tem a finalidade de auxiliar o professor a lecionar os conteúdos em sala e para garantir satisfatoriamente a aprendizagem dos alunos diante de tais conteúdos, como nos mostra Bandeira (2009, p. 14): “O material didático pode ser definido amplamente como produtos pedagógicos utilizados na educação e, especificamente, como o material instrucional que se elabora com finalidade didática”. O Decreto 9.099, de 18 de julho de 2017 (BRASIL, 2017a) também sugere uma definição para material didático no Artigo 1º do capítulo I:

§ 1º O PNLD abrange a avaliação e a disponibilização de obras didáticas e literárias, de uso individual ou coletivo, acervos para bibliotecas, obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros materiais de apoio à prática educativa, incluídas ações de qualificação de materiais para a aquisição descentralizada pelos entes federativos (BRASIL, 2017a).

É com essa perspectiva que o material didático para o ensino e aprendizagem vai além de que utilizar livros didáticos, porém há professores que ainda consideram o livro didático o único e exclusivo material a ser usado em suas aulas, talvez por não disporem de conhecimentos, habilidades, ou familiaridades com outros recursos, outro fator pode ser o excesso de carga horária, ou até mesmo falta de interesse, enfim vários fatores podem estar atrelado ao fato de rejeitarem o uso de outras estratégias e materiais para o ensino de sua disciplina.

Inúmeros pesquisadores destacam que a digitalização das informações possibilitou a convergência das formas principais da comunicação humana, resumidas pelo material impresso (jornais, livros, textos), o audiovisual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélite, cabo) e a informática (computadores, programas). Contudo, cada mídia tem sua especificidade e pode contribuir com a aprendizagem de maneira particular. A escolha depende de análise pelas equipes envolvidas na aplicação do material

e das possibilidades de integração das mídias no planejamento dos cursos.
(BANDEIRA, 2009, p.19)

A autora esclarece que o livro didático é um recurso ainda muito utilizado atualmente, sem ser necessário utilizar outros recursos para ministrar as aulas, ele se encontra pronto para uso do professor. Já com a utilização dos recursos tecnológicos é necessário todo um preparo e domínio para sua utilização, como o autor relata os meios pelos quais os docentes escolhem seu material vai se adequar a determinadas situações, tendo em vista que cada recurso desses citados acima tem uma determinada função e ensino.

O autor Bandeira (2009) ainda cita que:

[...] podem ser entendidas como as possibilidades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação (TIC), com a produção, armazenagem, distribuição de informação e entretenimento, por exemplo, o uso de computadores e redes (como a Internet) (BANDEIRA, 2009, p. 21).

O autor declara valorizar o uso das tecnologias a favor da educação, auxiliando para a comunicação, o entendimento e o próprio engajamento entre alunos e professores, o qual explicita o uso de computadores que auxiliam com os conteúdos a serem ministrados nas aulas, tendo em vista que as tecnologias cada dia mais vem avançando e ganhando espaço dentro da sociedade.

O autor Bandeira (2009) ainda afirma que:

O uso dos jogos vem se tornando bastante frequentes pelos jovens, no qual se ganha uma nova roupagem, aliando e unindo tais jogos interativos com os conteúdos a serem ministrados, colaborando assim para o ensino/aprendizagem dos alunos (BANDEIRA, 2009, p. 279).

Como ele mesmo aponta, os jovens assimilaram jogos em suas vidas cotidianas, numa associação entre cultura, tecnologia e educação que para o autor pode facilitar a aquisição de conhecimentos técnicos.

Fazendo a união entre ambos, o professor por sua vez, tem um leque que pode trabalhar com temas que estão presentes nas vivências de seus alunos, como no caso de jogos, aplicativos, animes e vários recursos. Rangel (2006) vai citar alguns questionamentos que o sujeito deve-se fazer antes de submeter a escolha dos materiais didáticos:

Os sujeitos envolvidos: estão eles contemplados, em suas características, possibilidades e expectativas, no material cogitado? - os objetivos visados: que subsídios o material em questão poderá fornecer para que se atinjam mais facilmente as metas perseguidas? - a situação: a organização do tempo e do espaço escolares propicia o uso adequado do recurso pretendido? Há

equipamentos, espaços, recursos humanos, formas de funcionamento da instituição escolar que permitam um bom uso do material? (RANGEL, 2006, p. 15).

Nota-se que não se pode escolher o material didático aleatoriamente, antes de tudo tem que haver um levantamento para descobrir sobre adequações e aptidões por parte dos sujeitos com o qual irá se trabalhar com o determinado material, quanto também com relação a escola, se esta dispõe de recursos que possam estar sendo utilizados pelos professores e alunos.

É imprescindível pesquisar e aprofundar, no que diz respeito ao material didático para o aluno em questão, como sendo de fundamental importância tanto para os discentes, quanto para os professores que lecionam para eles, segundo Justino (2011) “o papel do professor nesse novo contexto é importante, pois ele elabora, planeja e conhece o conteúdo a ser trabalhado” (JUSTINO 2011, p.74).

O professor tem o papel importante que é de elaborar estratégias, usar recursos didáticos para que haja interação e entendimento dos alunos em sala de aula. Quando o professor tem o domínio do uso dos materiais didáticos faz-se a ligação entre a teoria e a prática, pois com o passar do tempo, a educação sofre contínuas e diversas mudanças, especialmente no que se refere ao papel do professor, pois o docente tem o papel principal de fazer o elo entre o aluno e a escola.

O uso de materiais didáticos é primordial para todo e qualquer tipo de aluno, de diferentes idades, contextos, gêneros, raças, culturas e quaisquer que sejam suas limitações ou deficiências, o material didático tem o papel de auxiliar de maneira positiva no ensino e aprendizagem dos alunos, dependendo de quais são esses materiais como podemos perceber que ambos têm finalidades e estratégias diferentes, caberá aos professores nortearem e utilizá-los para tais fins.

Quando se trata do aluno surdo e da língua de sinais a autora Ferreira Brito (1997):

As línguas de sinais distinguem-se das línguas orais porque se utilizam de um meio ou canal visual-espacial e não oral auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais. (FERREIRA BRITO, 1997, p.19)

A autora Quadros (2011, p. 94 - 118) sugere alguns materiais e atividades que podem ser elaboradas pelos próprios professores para auxiliar na compreensão e

incentivar o aluno surdo a se expressar e desenvolver sua língua natural, a língua de sinais. Com relação a esses materiais, cabe ao professor fazer bom uso aproveitando para trabalhar as dificuldades que os alunos encontram com determinadas atividades em sala de aula, para que desta forma, os educandos, obtenham resultados satisfatórios. Quadros (2011) cita vários, porém, dispomos apenas de alguns deles:

- a) o Jogo da memória, cujo principal objetivo é estimular a aquisição do vocabulário (linguagem compreensiva e/ou expressiva), a percepção visual, a atenção e a memória;
- b) Bingo, os objetivos principais: estimular a aquisição do vocabulário (linguagem compreensiva e/ou expressiva), a atenção, a percepção visual. No jogo de bingo cada participante recebe uma cartela com determinadas figuras que se diferenciam entre si. As mesmas figuras das cartelas são dispostas em fichas e colocadas em um recipiente para serem sorteadas.
- c) Dominó, os objetivos principais: estimular a aquisição do vocabulário (linguagem compreensiva e/ou expressiva), a atenção e a percepção visual. No jogo de dominó as fichas que compõem o jogo estão divididas por uma linha. Em um dos lados há uma determinada figura e, no outro, uma figura ou um sinal.
- d) Corrida, os objetivos principais: estimular a aquisição do vocabulário (linguagem compreensiva e/ou expressiva), a atenção, a percepção visual e as noções numéricas. No jogo de corrida há uma cartela que representa um caminho a ser percorrido pelos participantes, que são posicionados no ponto de partida (podem ser utilizadas fichinhas coloridas para representar cada participante). (QUADROS, 2011, p. 94 - 118)

Dessarte, tendo em vista que o sujeito surdo tem como o meio de comunicação e aprendizagem o visual/ espacial fazendo a utilização da Libras para se comunicar, o material didático poderá ser um importante aliado que auxiliará fazendo total sentido e diferença, servindo como uma espécie de ponte que ligará o aluno surdo ao professor ouvinte, facilitando a comunicação e a troca de conhecimentos entre ambos, e o mais importante, ajudará ao sujeito surdo a compreender e absorver cada vez mais os conteúdos que são propostos e ministrados nas aulas.

Como sequência, o próximo tópico que será abordado, expõe como se dará o processo metodológico desta pesquisa.

4. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Figura 4: Identity Gone



Fonte: ROURKE, Nancy (2012)

O capítulo se inicia com esta belíssima imagem, com autoria de Nancy Rourke uma das artistas surdas com trabalhos reconhecidos internacionalmente por suas lindas pinturas à óleo. Esse quadro retrata sobre dois alunos surdos dentro de sala de aula de ensino regular, onde a professora está apontando para o quadro e ensinando o conteúdo aos demais alunos ouvintes e a intérprete traduz para os alunos surdos, estes não

conseguem compreender, nem tão pouco acompanhar, e pelo fato da não compreensão e a falta de engajamento para com os surdos, eles acabam se sentindo excluídos dentro de sala, tais situações semelhantes a essa ocorrem infelizmente no ensino regular com os estudantes surdos.

Dessa maneira, a escolha dessa imagem se deu sobre as dificuldades que os indivíduos surdos ainda se deparam dentro de sala, as dificuldades ao se comunicar, se expressar como também, de compreender os conteúdos ministrados pelos professores pela não inserção da Libras em sala, os surdos acabam se sentindo excluídos e se desmotivando, acarretando muitas vezes em desistência e abrindo mão de seu próprio aprendizado.

Esta pesquisa ocorreu a partir de um estudo de campo, um estudo com base nas narrativas (auto)biográficas, a fim de entender qual o papel do material didático no ensino aprendizagem de surdos na escola pública. O público alvo desta pesquisa foram professores e aluno surdo de uma escola estadual de ensino regular na cidade de Campo Grande-RN. A pesquisa ocorreu com colaboradores que atuam no Ensino Médio, tais docentes lecionam em disciplinas diferentes na referida escola. A pesquisa também foi realizada com um discente surdo aluno do Ensino Médio.

Optamos por trabalhar com docentes e discente objetivando analisar os vários olhares inerentes ao processo de ensino/aprendizagem e contribuições diferentes tanto dos professores como do aluno surdo através de materiais didáticos adaptados para a língua de sinais, que são utilizados pelos próprios educadores.

A pesquisa foi realizada através do enfoque qualitativo, na qual foi elaborada uma pesquisa de campo junto aos colaboradores atuantes da escola. Foi feita realizada entrevistas narrativas individuais com algumas questões indutoras como: Qual a importância do uso do material didático para o ensino aprendizagem do aluno surdo? Quais os tipos de materiais didáticos vocês fazem uso? A escola dispõe desses materiais didáticos? O aluno gosta da utilização desses materiais didáticos? Indagações essas que serão respondidas pelos próprios professores e aluno surdo, com a finalidade de perceber quais são as estratégias utilizadas para melhor repassar os conteúdos para o aluno surdo, para que este possa acompanhar e aprender junto com seus demais colegas ouvintes dentro de sala.

Essa pesquisa tem como objetivo compreender melhor sobre o uso dos materiais didáticos específicos para aluno surdo, fazendo com que ele possa assimilar os conteúdos ministrados, ao mesmo tempo interagir com professores e colegas de sala ocorrendo

inclusão e superação de suas dificuldades, descobrindo seu potencial e compreendendo seus os direitos.

4.1 PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO

Desde muito tempo os seres humanos, de modo geral, independentemente de seu contexto histórico ou cultural, fazem pesquisas e registram tais buscas, as quais acabam se tornando incansáveis e não tem fim. Esta pesquisa realizada se dá por meio de uma abordagem qualitativa em educação fundamentada nos princípios de Bogdan e Biklen (1994), na qual os próprios autores elencam cinco princípios que se tornam básicos em uma entrevista. Sendo eles: o ambiente natural apresenta-se como sendo a fonte direta dos dados e o pesquisador acaba sendo o instrumento principal da pesquisa; os dados que serão coletados ocorre de maneira descritiva; o processo importa bem mais do que o próprio produto; o pesquisador dará mais foco nas pessoas e a importância que as mesmas dão por suas coisas e própria vida, e pôr fim a análise ocorre através de dados onde segue processo indutivo.

Para Bogdan e Biklen (1994, p. 50) “[...] os investigadores que fazem uso desse tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas [...]”. O pesquisador que estuda através de pesquisas qualitativas, passa a compreender o mundo e as pessoas com outros olhos, colocando mais sentimentos e apurando mais os fatos, respeitando as diferenças e as particularidades de cada um dos seus colaboradores.

A autora Minayo (2002, p. 22-23) discorre sobre a pesquisa qualitativa: A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O intuito desta pesquisa, não é de quantidade, vai muito mais além, é o refletir sobre as experiências vivenciadas pelos professores ouvintes e aluno surdo dentro de sala de aula, passando a refletir sobre como ocorre essa relação entre ambos, a comunicação, o que cada um deles relatam e refletem sobre si e suas atitudes, suas estratégias de ensino e engajamento um para com o outro.

Como relata Barbier (2002, p. 94) “[...] o pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e comportamentos [...]”. A pesquisa qualitativa vai fazer com que o pesquisador possa escutar com mais sensibilidade e atenção às experiências vivenciadas dos próprios colaboradores da pesquisa, tornando-se um sujeito mais reflexivo e compreensivo para com o outro. Este trabalho utilizou as narrativas (auto)biográficas como seu método de desenvolvimento e pesquisa.

4.2 O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO

O método autobiográfico tem se destacado com o decorrer do tempo, cujo reconhecimento ganhou espaço nos anos de 1980, e segundo a autora Passeggi (2010), tal método impulsiona o sujeito a emergir como sendo o ator e autor de sua própria história, nas ciências humanas e sociais.

Segundo Passeggi (2010) a pesquisa (auto)biografia em suma:

A pesquisa (auto)biográfica tem por ambição compreender como os indivíduos (a criança, o jovem, o adulto...) e/ou os grupos sociais (familiares, profissionais, religiosos, gregários...) atribuem sentido ao curso da vida, no percurso de sua formação humana, ao longo da vida, no decurso da história (PASSEGGI, 2010 p.20).

Como se pode observar a pesquisa (auto)biográfica procura refletir e compreender o indivíduo e sua vida como sendo sujeito único e também todo o meio em que esteja inserido, seja no âmbito familiar, profissional, no social como um todo, partindo dessa reflexão o mesmo atribui sentido e clareza para tudo o que já foi vivenciado e que o auxiliou em seu processo de crescimento e formação humana com o decorrer de sua trajetória de vida.

A autora Passeggi (2010) ainda relata que:

[...] o interesse da pesquisa (auto)biográfica é garantir condições ideais do retorno sobre si mesmo, para que o trabalho de autobiografar exerça a ação de reversibilidade sobre o pensamento de quem narra, transformando representações anteriores de si e do mundo da vida. Essa ação regressiva e progressiva é o que permite falar do “si mesmo” como um “eu refletido”, reinventado pela ação de linguagem. De modo que mediante o uso de instrumentos semióticos (grafias), o eu (autos) tomo consciência de si e ressignifica a vida (bios) para nascer de novo (PASSEGGI, 2010, p. 116).

O principal interesse da pesquisa (auto)biográfica é pois, garantir ao sujeito que narra autonomia de refletir sobre si mesmo, sua vida, os acontecimentos que ocorreram e sobre as pessoas que participam ou já participaram de sua vida, colaborando assim a uma

regressão e ao mesmo tempo possa progredir com sua vida seja ela pessoal como também profissional.

O autor Ferrarotti (2014) discorre que, às narrativas (auto)biográficas permitem uma reflexão de si, que essencialmente podemos tratar como um ensinamento, uma outra forma de perceber-se, um olhar para dentro, baseado nas reminiscências de uma vida.

Ambos autores têm um mesmo olhar sobre as narrativas (auto)biográficas, como sendo método de pesquisa voltado para que o sujeito traga à tona suas memórias e com um certo cuidado, possa refletir sobre sua vida e os acontecimentos ocorridos perante o seu percurso, tornando-os sujeitos reflexivos de si e do mundo em que está inserido.

A seguir discutirá mais detalhadamente como ocorrem os procedimentos metodológicos através dos métodos de pesquisa de Jovchelovitch e Bauer (2002), procurando objetivar como será traçado o percurso da pesquisa, como sendo fundamentada em uma abordagem (qualitativa), seu método (auto)biográfico e as entrevistas narrativas.

4.3 PROCEDIMENTOS PARA ENTREVISTA NARRATIVA

Quando se fala em narrativa, logo remete-se ao ato de discorrer sobre algo, e para os autores Jovchelovitch e Bauer (2002, pág.93):

As narrativas se prolongam além das sentenças e dos acontecimentos que as constituem estruturalmente, elas partilham das características da sentença sem nunca poderem ser reduzidas a simples soma de suas sentenças ou acontecimentos que as constituem, deste modo, compreender uma narrativa não é apenas seguir a sequência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias: é também reconhecer sua dimensão não cronológica expressa pela função e sentidos do enredo.

A narrativa é de suma importância nas pesquisas qualitativas, pois são através das delas que ocorre a reflexão do sujeito, a troca que acontece quando se para com o intuito de escutar o que o outro tem a relatar, acarretando assim vários aprendizados mútuos, e em muitos casos, podem ser levados para a própria vida pessoal servindo de lição, estímulo e aprendizados.

Todo esse processo faz parte do verbo narrar e cabe ao pesquisador junto com seu colaborador de pesquisa, fazer tais reflexões de si e do outro, o autor Jovchelovitch e Bauer (2002) afirmam que as entrevistas narrativas visam a estimular e encorajar um entrevistado ou colaborador da pesquisa a falar sobre sua história ou sobre algum acontecimento importante de sua vida e/ou de seu contexto social.

Nesta perspectiva Jovchelovitch e Bauer (2002, pág.95-96) nos relatam que:

O esquema de narração substitui o esquema de perguntas-resposta que define a maioria da situação de entrevista. O pressuposto subjacente é que a perspectiva do entrevistador se revela melhor nas histórias onde o informante está usando sua própria linguagem espontânea na narração dos acontecimentos. Seria, contudo, ingênuo afirmar que a narração não possui estrutura.

Para realizar as entrevistas narrativas, fez uso das propostas dispostas por Jovchelovitch e Bauer (2002), que consistem em cinco fases: preparação, iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva.

Quadro 1 - Fases principais da entrevista narrativa.

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo; Formulação de questões <u>emanentes</u>.
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração; Emprego de auxílios visuais (opcional).
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a narração. Esperar para sinais de finalização (“coda”).
Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista

Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”. Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas do tipo “por quê?”. Ir de perguntas emanentes para <u>imanentes</u>.
Fala conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê?” Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: JOVCHELIVICH e BAUER (2002, p.97)

Como se pode observar a pesquisa narrativa tem cinco fases: a primeira, é a fase de preparação da entrevista narrativa, como explana Jovchelovich e Bauer (2002), a qual requer uma certa demanda de tempo, pois o pesquisador irá sondar o seu local de pesquisa, para entender o que de fato ocorre naquele local para que possa identificado o problema de sua pesquisa, logo após ter identificado o seu problema, poder elaborar com mais clareza sua pergunta central que irá nortear a sua pesquisa.

A segunda fase, a iniciação - neste momento em que o pesquisador irá explicar para os seus colaboradores como ocorrerá a pesquisa, tornando claro todo o processo e o passo a passo, como também entregar para eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo esse termo na modalidade escrita e sinalizada, respeitando a língua e cultura dos colaboradores. Neste momento foi solicitado o consentimento para a gravação das entrevistas, como se trata de professores ouvintes e por motivos de pandemia (Covid-19) a entrevista foi realizada via WhatsApp e com o aluno surdo a entrevista foi realizada através google Meet (chamada de vídeo), as quais foram traduzidas e transcritas, tornando claro que embora as entrevistas sejam por meio de WhatsApp ou vídeo chamadas, as identidades dos colaboradores mantiveram preservadas.

A terceira, a narração central - essa terceira fase é onde inicia a entrevista narrativa, onde o colaborador irá discorrer sobre suas experiências vividas, a função do

pesquisador nesse momento é apenas de escutar, não podendo interromper a entrevista, apenas fazer as perguntas e procurar deixar o entrevistado confortável e acolhido para que possa se expressar.

A quarta, a fase do questionamento – após a conclusão da fala dos entrevistados, o pesquisador, partindo de suas anotações realizadas com a entrevista, pode explorar os entrevistados fazendo alguns questionamentos que torne a narrativa mais clara e objetiva.

A quinta fase, a fala conclusiva – esse momento é muito importante e minucioso, pois é quando as câmeras já estão desligadas e os pesquisadores junto com os colaboradores pode ter uma conversa mais informal sobre o assunto, e onde o pesquisador pode realizar alguns questionamentos do tipo “por que?”, “para que?”, essa fase dessas indagações é possível através da informalidade, onde os pesquisadores conseguem colher mais detalhes que serão de grande riqueza para a sua pesquisa. Os autores, Jovchelovitch e Bauer (2002) orientam que é importante que os pesquisadores utilizem de um diário de campo para que possam fazer tais anotações.

Na próxima seção relata sobre os colaboradores da pesquisa, em quais disciplinas lecionam, e se têm conhecimento e domínio com a Libras.

4.4 COLABORADORES DA PESQUISA

Participaram desta pesquisa dois professores que atuavam no 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de Campo Grande e um aluno surdo. Os professores são, um do sexo masculino e um do sexo feminino, e o aluno surdo do sexo masculino, os dois professores são empregados na escola estadual de ensino da referida cidade, com formação em física e Letras Libras e o discente está matriculado no 3º ano do Ensino Médio. Esses profissionais estão inseridos em uma faixa etária de idade entre 18 a 35 anos. Sendo assim, o convite de participação foi lançado por meio de dúvidas e indagações que se tinha sobre o ensino/aprendizagem do aluno surdo na escola onde ocorreu a pesquisa, partindo deste pressuposto, eis que iniciou os estudos e pesquisas para elaboração da monografia, ambos professores e aluno se disponibilizaram para colaborar com a pesquisa.

Contudo, é considerável que ocorra uma breve apresentação desses colaboradores para que possa traçar um perfil em busca de facilitar e aproximar a análise das narrativas, os nomes que são utilizados para identificar cada colaborador são fictícios, mantendo a identidade dos colaboradores em total sigilo, os quais são chamados de João, Manoela e Vinicius respeitando o direito ao anonimato, previsto no Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos próprios colaboradores da pesquisa.

Quadro 2: Apresentação dos colaboradores

PROFESSOR/ ALUNO	FORMAÇÃO ACADÊMICA	COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA LÍNGUA DE SINAIS (LIBRAS)
João	Física	Básico
Manoela	Libras	Fluente
Vinicius	Ensino Médio	Fluente

Fonte: Autoria própria (2021)

Diante do que aqui foi exposto, no quadro acima, percebe-se que ambos professores e aluno requer um certo conhecimento e nível de domínio com a língua de sinais, fator esse que é de suma importância no quesito comunicação, pois onde ocorre um certo conhecimento e domínio com a Libras, haverá nem que seja minimamente, uma comunicação e entendimento entre ambos professores e aluno dentro de sala de aula.

Ressalta-se ainda que apenas uma pequena parcela do povo surdo está a frequentar a escola, infelizmente ainda existe uma boa parte de indivíduos surdos que não frequentam e/ou participam da escola perdendo assim a oportunidade de se ter o contato com sua língua natural a Libras, sendo prejudicado como relata Lacerda e Santos (2013, p.54)

[...] A comunicação e interação com o outro são fundamentais para o processo de desenvolvimento intelectual, cognitivo e linguístico. Portanto a comunicação e a interação com o outro em língua de sinais são fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo.

Dessa forma, aqueles alunos que não estão inseridos no sistema regular de ensino, faz-se necessário que passem a frequentar, para que possam ser inseridos o quanto antes nas escolas, onde possam usufruir de seus direitos que estão previstos na Constituição Federal (1988), e amparados pela LDB (1996), passando a serem alfabetizados, comunicando-se com as demais pessoas do seu convívio, tanto de sua língua natural a Libras, como também pela língua portuguesa na modalidade escrita, e desse modo, desenvolvendo seus conhecimentos linguísticos e socioculturais.

4.5 ÉTICA DA PESQUISA

Com o decorrer dos anos, a ética no processo de formação do indivíduo tem sido motivo de suma importância, e de grandes discussões perante alguns estudiosos e filósofos da área, pois quando se trata de investigar, pesquisar mais a fundo algo ou a vida de algum sujeito requer acima de tudo um certo cuidado e sigilo prezando acima de tudo pelas informações coletadas e principalmente procurar não expor a vida dos colaboradores.

Tendo em vista tais cuidados e cautelas, o próprio investigador precisa ser peculiar, pois com preciosas informações em mãos, o investigador tem o domínio e poder seja de contribuir para o benefício social do colaborador da pesquisa, ou levá-lo a danificar a imagem de ambas as partes, pondo em risco a integridade física e mental de pessoas. Ferreira (1995, p. 280), nos mostra que no plano etimológico, ética é "o estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto".

Independentemente de quaisquer seja a temática da pesquisa, sempre ocorrerão interesses por parte dos sujeitos participantes da pesquisa. A ética tem se evidenciado quanto às abordagens qualitativas, pois contém bem mais informações e detalhes dos indivíduos investigados, podendo conter informações mais íntimas dos próprios colaboradores ou de grupos distintos. Corroborando com esse pensamento os autores Bogdan e Biklen (1994, p.77) apresentam alguns princípios a respeito dessas investigações que são:

1. As identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhe qualquer tipo de transtorno ou prejuízo. O anonimato deve contemplar não só o material escrito, mas também os relatos verbais da informação recolhida durante as observações. O investigador não deve revelar a terceiras informações sobre os seus sujeitos e deve ter particular cuidado para que a informação que partilha no local da investigação não venha a ser utilizada de forma política ou pessoal.
2. Os sujeitos devem ser tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação. [...] Os investigadores não devem mentir aos sujeitos nem registrar conversas ou imagens com gravadores escondidos.
3. Ao negociar a autorização para efetuar um estudo, o investigador deve ser claro e explícito com todos os intervenientes relativamente aos termos de acordo e deve respeitá-los até a conclusão do estudo [...]. Se concordar em não publicar os resultados, deve igualmente manter a palavra dada. Dado que os investigadores levam a sério as promessas que fazem, deve-se ser realista nas negociações.
4. Seja autêntico quando escrever os resultados. Ainda que as conclusões a que chegam possam, por razões ideológicas, não lhe agradar, e se possam verificar pressões por parte de terceiros para apresentar alguns resultados que os dados não contemplam, a característica mais importante de um investigador deve ser a sua devoção e fidelidade aos dados que obtém. Confeccionar ou distorcer dados constitui o pecado mortal de um cientista.

Diante do exposto é importante também lembrar que a priori, antes mesmo de dar início com a pesquisa de campo, por motivos éticos, o próprio pesquisador deve informar aos participantes sobre a sua pesquisa, qual o objetivo e finalidade, bem como esclarecer como ocorrem os procedimentos da coleta das informações e como essas informações serão utilizadas e divulgadas pelo pesquisador em sua pesquisa.

Portanto, os investigados ficaram cientes que podem aderir “voluntariamente aos projetos de investigação, cientes da natureza do estudo e dos perigos e das obrigações nele envolvidos” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 75), por conseguinte é necessário que os investigadores, junto com os investigados possam assumir um compromisso de respeito e ética, com o método adotado e com a pesquisa de maneira geral.

Desse modo, como ética de pesquisa foi elaborado um TCLE, no qual constava o título, objetivo, os riscos bem como a autonomia de permanecer ou não até o final da pesquisa.

4.6 LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com dois professores e um aluno surdo na Escola Estadual Professor Adrião Melo, localizada na rua: Francisco Bezerra, bairro Alto da Capela, no município de Campo Grande, Rio Grande do Norte, a referida escola oferta aulas apenas 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio, funcionando nos turnos: manhã e tarde. Conta com recursos de impressora e projetor (data show), o que facilita para os professores ministrarem suas aulas, com vistas a melhorarem a compreensão dos alunos.

Sua estrutura é de médio porte, construído especialmente para funcionar como escola, contendo 05 salas de aulas, 01 sala de professores, 01 quadra de esportes, 01 biblioteca, 02 banheiros com chuveiros instalados, dispõe de 01 pátio descoberto, alojamento para os alunos, rodeada de área verde.

Quanto ao quadro de professores a escola conta com três professores de português, os quais se revezam entre as disciplinas de português, artes e espanhol, um professor de matemática, um professor de biologia, um professor de química, um de física, dois docentes de história, os quais lecionam as disciplinas de história e filosofia, um professor de geografia, dois professores de inglês, um professor de educação física e um professor de Libras.

Escolhemos dois professores para participarem da pesquisa, sendo um de física que tem formação na área e está cursando mestrado em Ensino de Física, a outra

professora é graduada em Licenciatura em Letras Libras, e o aluno surdo entrevistado cursa o 3º ano do Ensino Médio. Quanto aos alunos matriculados na instituição de acordo com o senso, totaliza-se 363 discentes, sendo oriundos da zona rural e zona urbana da cidade.

4.7 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISES DOS DADOS

Para o processo de análises das narrativas (auto)biográficas dos professores e do aluno surdo, houve todo um cuidado, procurando sempre respeitar de forma fiel a fala de cada colaborador, tendo toda cautela para que não ocorresse distorções com a interpretação, sendo assim tentamos trazer ao máximo, aproximação de suas experiências que foram vivenciadas por cada um deles em seus cotidianos dentro da sala de aula.

As entrevistas foram realizadas no período de um mês, junho de 2021, por motivos pandêmicos (Covid-19), as entrevistas não ocorreram presencialmente com cada colaborador, mas por meios tecnológicos através de vídeo chamada e via WhatsApp.

Inicialmente, realizou-se a transcrição integral, em seguida em paráfrases para sintetizar o sentido do texto original. E, por fim, essas sentenças foram concentradas através de palavras-chave. Essa concentração do texto original ocorreu por meio da generalização e condensação de sentido. “Na prática, o texto é colocado em três colunas; a primeira contém a transcrição, a segunda contém a primeira redução, e a terceira coluna contém apenas palavras-chave” (JOVCHELOVITCH; BAUER 2002, p. 107). Para melhor entendimento, apresenta-se o quadro abaixo, a fim de tornar mais claro como ficaram divididas as narrativas para análise.

Quadro 3: Procedimentos de análises

TEXTO	1ª REDUÇÃO	2ª REDUÇÃO
Transcrição integral	Sentenças sintéticas	Palavras-chave

Fonte: Autoria própria (2021)

Esse procedimento de redução é importante para melhor análise, porém o intuito não é engessar os resultados obtidos com as entrevistas, mas facilitar no processo tanto de análise quanto do próprio entendimento dos eixos e dá categorias que foram surgindo a partir das reduções.

Destaca-se ainda que esse tipo de categorização das entrevistas narrativas está sob a égide de Jovchelovitch e Bauer (2002) que aconselham a criação de categorias que contemplem as narrativas dos colaboradores, isto é, as narrativas vão conduzindo e levando para a criação dos eixos e as suas categorias. Além disso, o procedimento de análises se resume na prática que é desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas com Narrativas (Auto) Biográficas em Educação (GEPNAE), o qual está vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades (GRIFARS).

5. MATERIAL DIDÁTICO E SUA IMPORTÂNCIA PARA APRENDIZAGEM DO SURDO

Figura 5: Prisão Solitária para Surdos



Fonte: ROURKE, Nancy (2013)

Essa é mais uma pintura da autora Rourke, ao qual remete aos prisioneiros surdos que não tem acesso a receber ajuda de intérpretes nem tão pouco de vídeo chamadas, como pode-se perceber o surdo atrás das grades chorando e sinalizando por ajuda.

A escolha de tal imagem remete a dominação do surdo dentro de sala de aula, sem ter acesso a se comunicar através da língua de sinais com professores e colegas de sala por não haver compreensão e comunicação entre ambas as partes, como também pelo motivo do aluno surdo não conseguir absorver os conteúdos das aulas, pelo fato de não ter acesso aos materiais didáticos adequados para se trabalhar com os discentes surdos, dessa maneira, estes sentem-se aprisionados, vivenciando tal situação acabam sendo excluídos do contexto educacional.

É bastante comum a discussão sobre material didático para alunos surdo nas escolas, professores buscam muitas vezes por tais materiais e os resultados são minimamente encontrados, por se referir de uma língua visual espacial, e por não se ter uma devida preparação e formação por parte das escolas e professores trabalhando em conjunto, os materiais adaptados e desenvolvidos para se trabalhar com a língua de sinais ainda são significativamente poucos.

Ao refletir sobre o material didático e sua importância para a aprendizagem do surdo, é necessário refletir o quão é primordial a utilização de tais recursos para o ensino/aprendizagem dos indivíduos surdos, como também auxilia na comunicação, interação e interpretação de ambos, professor e aluno dentro da sala de aula.

Deste modo, o aluno surdo terá mais confiança e autonomia ao se debruçar sobre os estudos, através da utilização de materiais e/ou estratégias de ensino que irá utilizar de sua língua natural para que haja troca de saberes e conhecimentos por parte professores e alunos.

Cabe ao professor utilizar estratégias e recursos que vão além do que se tem descrito nos livros para que esse aluno surdo possa compreender e aprender os conteúdos que são ministrados dentro de sala de aula. Os nossos colaboradores expressam sobre os materiais didáticos e sua importância, João (2021) relata que:

“O material didático tem muita importância no ensino, principalmente quando estamos falando em alunos com necessidades especiais, pois a maioria dos professores não foram preparados durante a sua formação para lidar com esses alunos. Então o material didático pode dar um suporte para que o professor possa melhorar a relação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem para alunos com necessidades”.

Como se observa através do relato de João, os usos de materiais didáticos são importantes, pois são através deles que o professor terá um suporte para ministrar seus conteúdos e também manter uma relação de comunicação com o indivíduo surdo dentro

de sala, muitas vezes os educadores não tem um preparo ou formação para ensinar esse público, então o material didático dará esse suporte suprindo com tais demandas.

A autora, Botelho (2015, p.16) relata que:

Todavia, mesmo que os professores sejam bem preparados, mesmo que conheçam a cultura surda e a língua de sinais, ainda assim não é suficiente, pois não existe uma mesma língua, compartilhada, circulando na sala de aula e na escola, condição indispensável para que os surdos se tornem letrados”

A autora deixa claro que mesmo que o professor ouvinte em escolas regulares sejam preparados e/ou conheçam a língua de sinais e consiga repassar seus conhecimentos para o aluno surdo através da Libras, ainda não se é suficientemente necessário para total inclusão e letramento desse aluno surdo, pois a língua que se utiliza dentro dessa sala de aula não é somente a língua de sinais, mas também a língua portuguesa por se tratar de uma sala heterogênea.

Já a professora Manoela (2021) discorre que:

“Como sabemos o ensino e aprendizagem do aluno surdo é voltado mais para área do visual, porque pelo fato do aluno surdo ele ter a limitação da audição, o foco dele é mais visual, então é o material didático para a gente que trabalha com esse tipo de aluno ele auxilia bastante eu acho que 70% da aula ocorre de maneira mais eficaz quando se tem um bom material didático, porque é nossa aprendizagem do professor, o conteúdo, nosso conhecimento é apesar dele ser, a gente ter um bom conhecimento específico em determinado assunto, em determinada área que vá se trabalhar com esse aluno se a gente não tiver uma metodologia é acompanhada de um bom material didático é pra exemplificar esse conteúdo para o aluno, às vezes a aula não ocorre da maneira 100% eficácia porque, como eu falei no início o surdo é bastante visual, então através do visual que ele vai desenvolver e absorver mais esse conteúdo, então é o uso do material didático, pra gente professor, é de extrema importância, porque auxilia muito na eficácia de um determinado conteúdo.”

A colaboradora relata sobre a importância e eficácia que se tem com o uso do material didático em suas aulas, como se sabe o sujeito surdo utiliza muito do visual/espacial, seja para expressar-se ou para compreender o mundo como um todo a sua volta, e com o ensino e aprendizagem desse sujeito ocorre da mesma forma, porém com a utilização de recursos didáticos as aulas passam ser mais dinâmicas e atrativas desenvolvendo assim o desempenho e aprendizagem do sujeito surdo.

Já para Vinicius (2021) que é aluno surdo, relata que: *“Material didático importante para aprender mais, jogos, imagens ajuda aprender conteúdo, bom importante” (VINICIUS, 2021).*

Vinicius deixa explícito que para o seu ensino e aprendizagem a utilização dos recursos didáticos são fundamentais, ainda cita sobre a importância de se trabalhar com a

utilização de jogos que sejam adaptados para a sua língua de sinais, como também a utilização de materiais que trabalham com imagens ilustrativas favorecendo assim a compreensão dos conteúdos por parte do aluno surdo.

Quadros (2003, p.102) relata que: “A experiência visual, muitas vezes relegada a um segundo ou terceiro plano, deve passar a ser o centro das atenções, pois ela é a base do pensamento e da linguagem dos surdos”. A própria discorre tornando claro e evidente sobre a importância da língua de sinais para o sujeito surdo, que por determinadas situações acaba passando despercebido, ou não sendo tratado como algo relevante como é o caso da utilização e exploração do visual, pois é através da visão que o sujeito surdo consegue compreender e se expressar.

A seguir discutiremos sobre a utilização de materiais didáticos mais utilizados pelos professores em sala voltados para o aluno surdo, como ocorre esse ensino, quais suas estratégias, objetivando compreender como se dá o processo ensino/aprendizagem do próprio aluno surdo.

5.1 MATERIAIS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES PARA O ENSINO DO ALUNO SURDO

A maneira como ocorre a seleção ou escolha de tais materiais para o ensino/aprendizagem do sujeito surdo, vai depender da visão e relação que se tem com o mundo. A escola é parte principal no quesito formação e desenvolvimento na vida de qualquer sujeito, sendo de direito uma educação igualitária e inclusiva digna de qualidade. Assim, Aranha (2004, p.65) fala que “a escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades”.

Dessa maneira, a escola se enquadra como sendo de qualidade quando se tem um devido preparo para receber e acolher quaisquer que sejam os indivíduos, independentemente de sua cor, raça, sexo, etnia nem tão pouco deficiência, a escola deve estar aberta ao público.

Contudo, essa realidade ainda não se concretiza de fato, pois a escola muitas vezes não se apresenta como sendo um ambiente acolhedor, reflexivo, inclusivo e igualitário na vida dos sujeitos, principalmente se tiver algum tipo de limitação. Neste caso, o destaque é o surdo. As escolas de ensino regular, muitas vezes não favorecem

esse público, os quais muitas vezes não conseguem ter o entrosamento e interação necessária dentro de sala com professores e colegas, a começar pelo bloqueio que ocorre com a comunicação, que reverbera na aprendizagem, que deveria ocorrer através da língua de sinais, acarretando a exclusão, e conseqüentemente casos em desistência por parte do próprio surdo, por não se ter esse acolhimento e compreensão que deveria receber.

“Os materiais didáticos que utilizo são principalmente os livros didáticos e alguns experimentos caseiros simples e de baixo custo que ajudam a melhor visualização e compreensão dos conteúdos apresentados, destacando que nenhum desses materiais são adaptados para alunos surdos, restando apenas a comunicação informal (Por falta de conhecimento na Língua Brasileira de Sinais, por minha parte) para tentar e apresentar os conteúdos e dialogar com alunos que possuam essa necessidade”. (JOÃO, 2021)

Diante da resposta de João (2021) pode-se perceber que a utilização de materiais e estratégias de ensino por ele empregada com alunos surdos, se dá por meio de livros didáticos ou alguns experimentos caseiros que o próprio busca incluir em suas aulas para que haja uma melhor compreensão do conteúdo. Percebe-se ainda no relato que o professor não tem um preparo e/ou conhecimento mais aprofundado da língua de sinais, dificultando ainda mais a comunicação e repasse dos conteúdos entre ele e o aluno surdo, porém João se esforça para que ocorra o engajamento entre ambas as partes.

Quanto a professora Manoela (2021) discorre que:

“Bom, como sabemos o material didático ainda nas escolas públicas é um pouco escasso, e na escola que eu trabalhava com esse aluno a gente não fazia uso de material didático específico para o aluno surdo, a única coisa que eu utilizava era quadro branco, piloto, e às vezes um slide naqueles datashow. Infelizmente, a educação do nosso país é muito escassa e deixa muito a desejar nessa área de material didático para com esse tipo de aluno, é assim pra gente que trabalha nessa área, um bom material didático a gente poderia utilizar assim de livros mesmo como de slides específicos e materiais impressos também que auxilia bastante mesmo no ensino e aprendizagem desse aluno mas, a parte mais importante assim um suporte melhor era que a gente pudesse ter disponibilidade de um computador, com slides para que esse aluno possa vir absorver melhor esse conteúdo, porque como já falei anteriormente nas outras respostas o surdo ele é bastante visual e agente como professor tem que saber utilizar e explorar bastante essa parte visual desse aluno”. (MANOELA, 2021)

A professora discorre em seu relato sobre a sua indignação para com a educação do aluno surdo, por não ter um suporte necessário que ampare ambos professores e o aluno. O ensino e repasse dos conteúdos acabam sendo bem raso, não se tendo como

aprofundar ou explicar, pois, Manoela afirma que a escola não utiliza tais recursos que fazia uso para suprir as necessidades do aluno surdo, apenas o básico, como a lousa, o piloto e, às vezes com ajuda do datashow, ela conseguia ministrar uma aula mais elaborada numa tentativa de fazer o aluno surdo compreender melhor os conteúdos. O relato de Manoela nos deixa claro e evidente a importância de se trabalhar e explorar nas aulas materiais lúdicos, já que o sujeito surdo compreende e explora o mundo através de sua visão.

A Lei Nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 1996, deixou explícito em seu capítulo V que: Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. Como se observa esses alunos que necessitam de uma educação especial e estão amparados por lei para que o ensino e aprendizado ocorram de maneira inclusiva e utilizando recursos e/ou materiais que auxiliem nesse processo.

O aluno Vinicius (2021) discorre que:

“Professor não usa material didático adaptados para Libras, só português, livro difícil comunicação, sala aula fico silêncio porque não ter comunicação professor ele não saber Libras difícil comunicar, atividades algumas palavras sei faço sozinho professor não saber Libras difícil ajudar. (VINICIUS, 2021).

Através de sua explanação pode-se observar a dificuldade que Vinicius tem em se comunicar dentro de sala de aula, por não haver uma interação com o professor e os demais alunos. Ele relata sobre a dificuldade que tem de compreender os conteúdos, pois os professores não se comunicam através da língua de sinais, apenas através do português e utilizam como material, apenas os livros didáticos e não se tem uma adaptação, nem tão pouco a utilização de recursos que utilizem a Libras para auxiliar no ensino aprendizagem desse aluno. O surdo acaba se sentindo sozinho sem a comunicação com os professores dentro de sala e nem compreendendo os conteúdos ministrados prejudicando assim sua educação.

A seguir, discutiremos sobre a disponibilidade que a escola tem de materiais didáticos para se trabalhar com aluno surdo dentro sala de aula, ou se são os próprios professores que comprem, confeccionam, como se dá esse processo.

5.2 A ESCOLA E OS MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ALUNO SURDO

Para que o aluno surdo interage dentro de sala de aula, é necessário que ele seja incluído em tal ambiente, e isso apenas ocorrerá através da comunicação com a sua língua natural, a Libras, como também com o auxílio de recursos e métodos utilizados pelos professores que sejam adaptados e/ou elaborados para se trabalhar com tais indivíduos, para que seu aprendizado flua como desejado. O autor Morato (2004, p.323), nos mostra que: [...] “a linguagem é o motor do processo de aquisição cognitiva geral, via noção de mediação (interação social)”, é através da linguagem que a interação flui, isso ocorre para todo e qualquer ser humano, com o sujeito surdo, é importante que ocorra o quanto antes a interação por meio da Libras. Na escola não deve ser diferente, quanto mais cedo ocorrer essa interação entre os professores e colegas de sala melhor será para sua evolução e aprendizagem.

Dando continuidade às análises, diante das respostas dadas pelos professores e o aluno surdo, pode-se perceber que essa interação e comunicação não acontece como esperado, acaba deixando resquícios negativo no aprendizado do aluno surdo e em sua própria evolução pessoal, pois ele se sente solitário na escola, local este que deveria acolhê-lo.

O professor João (2021) explana que:

“A escola possui livros didáticos e muitos materiais que poderiam ser utilizados para confecção de materiais didáticos e que poderiam ser utilizados com esses alunos, porém não possuem nenhum material específicos para alunos surdos. Resultando ainda que a escola possui kits de laboratórios que estão todos sucateados e sem uso, que poderiam ajudar no processo de ensino não só dos alunos com necessidades, mas do corpo discente em geral”. (JOÃO 2021)

Percebe-se através do relato que a escola não disponibiliza de materiais didáticos voltados para trabalhar com aluno surdo, o professor apenas utiliza de livros didáticos que a escola disponibiliza, e os poucos materiais que a escola possui que eram para serem utilizados com todos os alunos em geral estão todos arruinados, materiais esses que poderiam ser utilizados para o processo de ensino e aprendizagem de tais alunos e principalmente do aluno surdo.

A professora Manoela (2021) relata que:

“Bom como eu citei anteriormente a escola que eu trabalhei, ela não dispõe de material específico didático para o aluno surdo, ela dispõe do básico do básico como cola, essas coisas esse material básico cola, fita, cartolina, pra gente vir a confeccionar algo que possa ajuda na melhoria do ensino e aprendizagem desses alunos, mas material didático específico como cartilha,

livros essas coisas não possuem nada nem um tipo, absolutamente nada mesmo, o professor ele tem que elaborar alguma coisa em casa e levar pra escola pra fazer a impressão, ou então pesquisar e elaborar slides na internet para poder, diferenciar um pouco e melhorar o ensino e aprendizado desse aluno surdo” (MANOELA, 2021)

Como se observa com a colocação da professora, a escola não dispõe de nenhum tipo de material voltado para o aluno surdo, apenas o essencial como a mesma citou, os professores quem têm que organizar, ou até mesmo confeccionar algum material para trabalhar com o aluno surdo nas aulas, para que possa diferenciar e assim esse aluno possa compreender melhor os conteúdos.

Já o aluno Vinicius, relata que: *“A escola não ter material didático Libras, só livros de português, difícil entender, sala de aula não ter intérprete difícil entender conteúdo, professor só ensinar português”* (VINICIUS, 2021)

Percebe-se que Vinícius tem muita dificuldade de compreender os conteúdos, como ele mesmo cita os professores usam apenas livros em português, sem nenhuma adaptação para a Libras. Relata também sobre não se ter nenhum intérprete em sala de aula para auxiliar na tradução dos conteúdos e na comunicação do aluno surdo com o professor ouvinte, mesmo estando previsto no decreto nº5626/05, em seu Capítulo VI - Da garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva onde consta que:

“Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação”.

Contudo, mesmo estando previsto no decreto, infelizmente na prática ainda não ocorre com uma vasta proporção, a presença dos profissionais intérpretes de Libras atuando em locais públicos e em escolas, eles são de suma importância para auxiliar na compreensão e comunicação dos sujeitos surdos.

A seguir, discutiremos sobre o aluno surdo e a importância do material didático, para o seu conhecimento, aprendizado e a relação entre aluno surdo e professor em sala.

5.3 A IMPORTÂNCIA DO MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNO SURDO

A disponibilidade de materiais didáticos para o ensino de Libras é muito escassa, as escolas de ensino regular muitas vezes não possuem acesso a tais recursos, deixando a

desejar tanto para os professores, que podem ser favorecidos pelo auxílio no repasse dos conteúdos, como para os alunos que poderão elevar o nível de compreensão dos conteúdos e melhorando seu desempenho educacional.

A autora Quadros, (2007, p.143), aponta que “[...] os surdos têm o direito de ser alfabetizados com a Libras, sua primeira língua e o português como segunda língua, para ter a possibilidade de interagir com os ouvintes e toda a sociedade.” O sujeito surdo pode utilizar duas línguas para seu aprendizado, a língua de sinais como sendo sua L1, a qual explora o visual/ espacial, e promove compreensão e comunicação do surdo, e o português como sua L2, na modalidade escrita, que visa promover uma interação com os demais indivíduos da sociedade.

Continuando com as entrevistas pode-se perceber a importância que se é trabalhar com materiais que desperte atenção do aluno surdo, os professores conseguem notar a diferença significativa quando utilizam de matérias que não são de costume trabalhar, ainda mais quando tais materiais envolvem o visual destes alunos ocasionando um processo de entendimento.

O professor João retrata que:

“Gostam sim, quando utilizamos materiais diferentes do que estamos acostumados, principalmente materiais em que esses estudantes com necessidades possam visualizar o conteúdo que estamos desenvolvendo fica muito evidente a empolgação desses estudantes em está acompanhando o que está sendo desenvolvido pelo professor” (JOÃO, 2021).

O professor João percebe a importância e o quanto o aluno surdo gosta quando ele trabalha com materiais diferentes em suas aulas, o professor observa a empolgação e o desenvolvimento desse aluno em sala.

A professora Manoela diz:

“O aluno surdo ele como já falei anteriormente nas outras respostas, ele é bastante visual e quando a gente usa dessa metodologia visual que explore bem o visual desse aluno, a gente percebe tanto que ele gosta, bem como também ele adquire mais rápido e com mais facilidade o conteúdo que a gente tá trabalhando, porque não é que ele venha a gostar ou não do conteúdo programado para os demais alunos, é porque para o aluno surdo, é utilizando dessas estratégias visuais é ocorre que ele absorva melhor o conteúdo e aprenda com mais facilidade né, vindo também ele a gostar mais das aulas, porque quando a gente deixa ele como mero receptor em sala de aula sem explorar o conteúdo é ensinado da forma correta ele se sente até um pouco excluído, então essa forma de trabalhar o visual do aluno tanto faz que ele goste mais das aulas, bem como ele adquira e absorva melhor o conteúdo” (MANOELA, 2021)

Manoela expressa sua percepção quanto ao aluno surdo, sobre a importância de trabalhar, explorar metodologias e estratégias de ensino que envolvam o visual desse aluno, pois ele consegue compreender melhor os conteúdos quando é explorado o visual e o lúdico. Ainda observa que quando não é utilizado e/ou explorado o visual na metodologia, bem como nos materiais didáticos, esse aluno passa a se tornar um mero receptor em sala, acaba sentindo-se excluído, por não compreender os conteúdos nem interagir nas aulas.

O aluno Vinicius relata que:

“Importante Lei Libras aprender escola. Eu gosto de material adaptado Libras, importante aprender conteúdos, bom jogos, imagens, eu quero escola material adaptados libras importante aprender também comunicação professor sala de aula Libras importante” (VINICIUS, 2021).

Vinicius demonstra conhecimento da Lei de Libras, entende que é uma obrigação das escolas, e um direito dele de aprender através da Libras. Além disso, é através da Libras que ele pode se comunicar com os professores e alunos. Vinicius descreve ainda sobre a importância que se tem o material didático voltado para eles, sujeitos surdos, sobre o lúdico, o trabalho com jogos interativos, o uso de imagens, a adaptação do português para a Libras, bem como o uso dos materiais didáticos adaptados e as estratégias dos professores ao trabalhar com esses alunos, essas coisas se mostram muito importantes e eficazes para o ensino aprendizagem dos surdos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 6: Unidade do Mundo Surdo



Fonte: ROURKE, Nancy (2012)

Mais uma ilustre pintura da autora Rourke, a tela expressa a união de todos os surdos do mundo, a luta pelos seus direitos e suas culturas. A escolha de tal imagem para esta seção é sobre as lutas incansáveis da comunidade surda, pelos seus direitos a serem

outorgados perante a sociedade, como também os seus direitos educacionais, em busca de respeito com sua língua e inclusão nas escolas, como também de materiais e estratégias voltadas para trabalhar com aluno surdo, para que este possa compreender e absorver melhor os conteúdos das aulas.

Neste trabalho buscou-se realizar uma análise sobre o uso dos materiais didáticos voltados para o ensino aprendizagem do aluno surdo através das narrativas (auto)biográficas. Ao finalizar a pesquisa tornou-se claro que infelizmente a escola onde ocorreu a pesquisa ainda não dispõe de materiais adequados para trabalhar com alunos surdos, deixando a desejar. Infelizmente essa pode não ser a realidade apenas dela, mas ela pode ser um espelho de tantas outras escolas de ensino regular inclusiva.

Os educadores buscam por recursos e estratégias de ensino que possibilitem a inclusão e interação desse público dentro de sala de aula. Porém, não é suficiente. É necessário que o ambiente escolar proporcione adaptações de materiais para auxiliar no ensino/aprendizagem do sujeito surdo, para que haja um trabalho em conjunto entre todos que compõem a escola, a fim de que essa inclusão aconteça de fato.

Mesmo estando amparados por Leis como foi relatado na pesquisa, na prática, ainda não está sendo exercido, em alguns municípios essas leis não passam de meros papéis, e a prática que é bom não ocorre. É necessário que abra espaços para que o sujeito surdo possa se comunicar e interagir, mostrando para o quão interessante e enriquecedor são as diferenças linguísticas entre o sujeito surdo e o ouvinte.

Outro ponto que vale refletir, é sobre o docente, estes precisam estar cientes de que a mudança é necessária e se inicia a partir da prática de cada um deles, os professores sempre devem estar abertos às mudanças e novos conhecimentos. Sempre estudando para desempenhar o seu melhor em sala de aula, para que possa saber lidar com as pessoas e suas diferenças, trabalhando de acordo com cada especificidade dos alunos e tornando-se exemplos de superação para os demais colegas.

Diante disso, fica aqui a reflexão e importância que é saber lidar com as diferenças e procurar incluir todos indivíduos, no caso dos alunos surdos, procurando engaja-los e desenvolver materiais didáticos adaptados e/ou estratégias para que a comunicação e o processo de ensino aprendizagem ocorra dentro na sala de aula, pois os surdos necessitam que as leis saiam do papel e entrem em prática.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. S. F. Educação inclusiva: transformação social ou retórica?. In: OMOTE, S. Inclusão: intenção e realidade. Marília, SP: Fundepe Publicações, BAGAROLLO, M. F. F., Maria Denise V. Romano (orgs.). **Surdez, Escola e Sociedade: reflexões sobre a Fonoaudiologia e Educação**. Rio de Janeiro: WVA, 2015.
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto, 1994.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na Educação de Surdos – Ideologias e Práticas Pedagógicas**, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- BOTELHO, Paula **Linguagem e letramento na educação dos surdos – Ide-ologias e práticas pedagógicas** / Paula Botelho. – 4. ed. – 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BRASIL. Decreto nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. **Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Diário Oficial da União República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 10 de mar. De 2021
- COSCARELLI, Carla. **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DECRETO LEI DE LIBRAS Nº 5.626. DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 01/10/2021.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- QEDU. Escola Estadual Professor Adrião Melo, 2021. Disponível em: <<https://www.qedu.org.br/escola/69733-ee-fm-ee-professor-adriao-melo/sobre>> Acesso em: 04/03/2021
- FERRAROTTI, Franco. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2014.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995.

Gêneros textuais didáticos e análise de materiais didáticos de Letras [recurso eletrônico] / Aline Bizello... [et al.] ; revisão técnica : Talita da Silva Campos. – Porto Alegre : SAGAH, 2020.

GOMES, Luiz Fernando. Hipertexto no cotidiano escolar. São Paulo: Cortez, 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). Tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. - Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KRESS, Gunther. Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication: the potentials of new forms of text. *In*: SNYDER, I. Taking literacy into the electronic era. Sydney: Allen & Unwin, 1998

LACERDA, C. B. F; SANTOS, L.F. **Tenho um aluno surdo. E agora? : Introdução a Libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFScar, 2013. 254 p. LIMA, P. A. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006. MANTOAN, M.T. Égler. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 2.ed. São Paulo: Moderna, 2006.

LEI Nº 9394/96 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - 1996 CAPITULO V DA EDUCAÇÃO ESPECIAL Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf > acesso em: 01/10/2021

MORATO, E.M. **O interacionismo no campo linguístico**. *In*: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). introdução a linguística: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004. P. 311 – 351.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Org). **Intervenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. Cultura Acadêmica, São Paulo, 2010.

PINHEIRO ET AL. A produção de material didático para atender alunos surdos: Uma pesquisa bibliográfica Biodiversidade - n.18, v.3, p. 53 – 65, 2019.

PREDIGER, Kersch. **Uso e desafios da multimodalidade no ensino de línguas**. Signo [ISSN 1982-2014]. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 209-227, jan./jun. 2013.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, CRUZ. **Língua de sinais: Instrumento de avaliação/ Ronice Müller de Quadros, Carina Rebello Cruz**. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2011.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ROURKE, Nancy - *Árvore da Libertação*. The lastest expressionista paisntings, Novembro - (2011) Figura 2 Disponível em: <<https://www.nancyrourke.com/liberationtree.htm>> Acesso em: 04/10/2021

ROURKE, Nancy - **Love ASL Borboleta. Setembro**. The lastest expressionista paisntings, (2017) Figura 1 Disponível em: <<https://www.nancyrourke.com/loveaslbuttefly.htm>> Acesso em: 04/10/2021

ROURKE, Nancy - *Identity Gone*. The lastest expressionista paisntings, . Outubro - (2012) Figura 4 Disponível em: <<https://www.nancyrourke.com/identitygone.htm>> Acesso em: 04/10/2021

ROURKE, Nancy – **Política de surdos: posição pela justiça**. Setembro – (2015) Figura 3 Disponível em: <https://www.nancyrourke.com/standforjustice.htm> Acesso em: 04/10/2021

ROURKE, Nancy - *Prisão Solitária para Surdos*. Agosto. The lastest expressionista paisntings, (2013) Figura 5 Disponível em: <<https://www.nancyrourke.com/deafprison.htm>> Acesso em: 15/10/2021

ROURKE, Nancy - *Unidade do Mundo Surdo*. Maio. The lastest expressionista paisntings, (2012) Figura 6 Disponível em: <<https://www.nancyrourke.com/unityworlddeaf.htm>> Acesso em: 15/10/2021

SILVEIRA, Luciane Cruz e CAMPELLO, Ana Regina e Souza Materiais didáticos em Libras como facilitadores do processo inclusivo. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. n.43, p.220 – 238 Jan./jun. 2015.

VENTURA ET AL, Lidnei. Multiletramento e produção

de identidade na sociedade contemporânea: analisando enunciados multimodais. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p. 322-347, jan./jun.2015.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: **O Papel do material didático no ensino/aprendizagem de surdos em escola pública: Um estudo a partir de narrativas (Auto) Biográficas. É coordenada por Cleidianne Costa da Silva.** Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Esta pesquisa se dará por meio da análise de narrativas autobiográficas de professores de escola pública ensino que lecionam para alunos surdos com o intuito de conhecer como ocorre o ensino e aprendizagem do aluno surdo através dos materiais didáticos, quais as dificuldades encontradas pelos professores ao trabalhar com o aluno surdo em sala de aula e conhecer o perfil desses professores.

Caso decida aceitar o convite, o colaborador será submetido ao seguinte procedimento: entrevista narrativa. Será realizada através de um encontro virtual via google meet, em meio a tudo que estamos vivenciando, precisamos nos moldar diante desta pandemia, para que não colocamos a nossa saúde em risco, essas entrevistas narrativas e seu conteúdo será gravado para posterior transcrição e análise dos dados.

Os riscos envolvidos com sua participação: ao falar sobre suas experiências com uso do material didático na sala de aula, o participante da pesquisa pode apresentar algum tipo de desconforto e sofrimento, que será minimizado através da seguinte providência: estaremos atentas a qualquer desconforto e, não vamos explorar falas que trazem angústia para o participante da pesquisa. Se ele desejar, interromperemos a qualquer momento a entrevista.

Você terá os seguintes benefícios ao participar da pesquisa: ao falar sobre suas experiências com o uso do material didático, o ensino e aprendizagem, o entrevistado pode compreender melhor seu processo de aprendizagem e interação com o professor, dando outro sentido às suas experiências. A pesquisa poderá contribuir para a melhoria

com uso de materiais didáticos e a interação entre professor e aluno surdo dentro da sala de aula. Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento, havendo a possibilidade conforme o desejo do colaborador de utilizar um nome fictício a sua escolha. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Se você tiver algum gasto que seja devido à sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite.

Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para Cleidianne Costa da Silva, no Sítio Alegria, S/N, Campo de Aviação, Campo Grande, RN, ou pelo número de telefone (XX) XXXXXXXX (whatsapp) e/ou com a Professora, orientadora desse estudo, Isabelle Pinheiro Fagundes.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, “A relevância do material didático para o processo de ensino aprendizagem do surdo a partir de entrevistas narrativas autobiográficas”, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa:

Participante da pesquisa:

Pesquisador responsável:

Cleidianne Costa da Silva

Campo Grande (RN), junho 2021

ANEXO II

Transcrição na íntegra das entrevistas narrativas dos colaboradores

Entrevista na íntegra do Professor João

O material didático tem muita importância no ensino, principalmente quando estamos falando em alunos com necessidades especiais pois a maioria dos professores não foram preparados durante a sua formação para lidar com esses alunos. Então o material didático pode dar um suporte para que o professor possa melhorar a relação e comunicação no processo de ensino e aprendizagem para alunos com necessidades. (JOÃO,2021)

Os materiais didáticos que utilizo são principalmente os livros didáticos e alguns experimentos caseiros simples e de baixo custo que ajudam a melhor visualização e compreensão dos conteúdos apresentados, destacando que nenhum desses materiais são adaptados para alunos surdos, retardando apenas a comunicação informal (Por falta de conhecimento na Língua Brasileira de sinais, por minha parte) para tentar e apresentar os conteúdos e dialogar com alunos que possuam essa necessidade. (JOÃO,2021)

A escola possui livros didáticos e muitos materiais que poderiam ser utilizados para confecção de materiais didáticos que poderiam ser utilizados com esses alunos, porém não possuem nenhum material específico para alunos surdos. Resultando ainda que a escola possui kits de laboratórios que estão todos sucateados e sem uso, que poderiam ajudar no processo de ensino não só dos alunos com necessidades, mas do corpo discente em geral. (JOÃO,2021)

Gostam sim, quando utilizamos materiais diferentes do que estamos acostumados, principalmente materiais em que esses estudantes com necessidades possam visualizar o conteúdo que estamos desenvolvendo fica muito evidente a empolgação desses estudantes em está acompanhando o que está sendo desenvolvido pelo professor. (JOÃO,2021)

Entrevista na íntegra da professora Manoela.

Como sabemos o ensino e aprendizagem do aluno surdo é voltado mais para área do visual, porque pelo fato do aluno surdo ele ter a limitação da audição, é o foco dele é mais visual, então é o material didático para a gente que trabalha com esse tipo de aluno ele auxilia bastante eu acho que 70% da aula ocorre de maneira mais eficaz quando se tem um bom material didático, porque é nossa aprendizagem do professor, o conteúdo, nosso conhecimento é apesar dele ser, agente ter um bom conhecimento específico em determinado assunto, em determinada área que vá se trabalhar com esse aluno se a gente não tiver uma metodologia é acompanhada de um bom material didático é pra exemplificar esse conteúdo para o aluno, às vezes a aula não ocorre da maneira 100% eficácia porque como eu falei no início o surdo é bastante visual então através do visual que ele vai desenvolver e absorver mais esse conteúdo, então é o uso do material didático, é pra gente professor é de extrema importância, porque auxilia muito na eficácia de um determinado conteúdo. (MANOELA,2021)

Bom como sabemos o material didático ainda nas escolas públicas ainda é um pouco escasso, é na escola que eu trabalhava com esse aluno a gente não fazia uso de material didático específico para o aluno surdo, a única coisa que eu utilizava era quadro branco, piloto, e às vezes um slide naqueles datashow. Infelizmente a educação do nosso país é muito escassa e deixa muito a desejar nessa área de material didático para com esse tipo de aluno é assim pra gente que trabalha nessa área um bom material didático a gente poderia utilizar assim de livros mesmo como de slides específicos e materiais impressos também que auxilia bastante mesmo no ensino e aprendizagem desse aluno mas a parte mais importante assim um suporte melhor era que a gente pudesse ter é disponibilidade de ter um computador, com slide para que esse aluno possa vir absorver melhor esse conteúdo, porque como já falei anteriormente nas outras respostas o surdo ele é bastante visual e agente como professor tem que saber utilizar e explorar bastante essa parte visual desse aluno. (MANOELA,2021)

Bom como eu citei anteriormente a escola que eu trabalhei, ela não dispõe de material específico didático para o aluno surdo, ela dispõe de o básico do básico como cola, essas coisas esse material básico cola, fita, cartolina, pra gente vir a confeccionar algo que possa ajuda na melhoria do ensino e aprendizagem desses alunos, mais matéria didático específico como cartilha, livros essas coisas não possuem nada nem um tipo,

absolutamente nada mesmo, o professor ele tem que elaborar alguma coisa em casa e levar pra escola pra fazer a impressão, ou então pesquisar e elaborar slides na internet para poder é diferenciar um pouco e melhorar o ensino e aprendizado desse aluno surdo. (MANOELA,2021)

O aluno surdo ele como já falei anteriormente nas outras respostas ele é bastante visual e quando a gente usa dessa metodologia visual que explore bem o visual desse aluno a gente percebe tanto que ele gosta, bem como também ele adquire mais rápido e com mais facilidade o conteúdo que a gente tá trabalhando, porque não é que ele venha a gostar ou não do conteúdo programado para os demais alunos, é porque para o aluno surdo, é utilizando dessas estratégias visuais é ocorre que ele absorva melhor o conteúdo e aprenda com mais facilidade né, vindo também ele a gostar mais das aulas, porque quando a gente deixa ele como mero receptor em sala de aula sem explorar o conteúdo é ensinado da forma correta ele se sente até um pouco excluído, então essa forma de trabalhar o visual do aluno tanto faz que ele goste mais das aulas, bem como ele adquira e absorva melhor o conteúdo. (MANOELA,2021)

Entrevista na íntegra do aluno surdo Vinicius.

Material didático importante aprender mais, jogos, imagens ajuda aprender conteúdo, bom importante. (VINICIUS, 2021)

Professor não usa material didático adaptados Libras, só português, livro difícil comunicação, sala aula fico silêncio porque não ter comunicação professor ele não saber libras difícil comunicar, atividades algumas palavras sei faço sozinho professor não saber libras difícil ajudar. (VINICIUS,2021)

A escola não tem material didático libras, só livros português, difícil entender, sala de aula não ter intérprete difícil entender conteúdo, professor só ensinar português. (VINICIUS,2021)

É importante Lei Libras aprender escola. Eu gosto de material adaptado libras, importante aprender conteúdos, bom jogos, imagens, eu quero escola material adaptados libras importante aprender também comunicação professor sala de aula libras importante. (VINICIUS, 2021)